

# REPORTER

Agosto de 1980 - ano III - nº 32 - Cr\$ 40 - AUTÔNOMO INDE

**GRÁTIS**  
Discos para  
o leitor  
P. 28

A vida no soçaito com  
inflação de 100%

# ORGIAS DE RICO NA CRISE

Fala uma ex-presidiária

## Mulher na cadeia

P. 22



P. 8

### Brizola quer casar

**JORNALISTAS  
DÁ CHAPAS  
DO TERROR**

SP - FIAT LS 9596

RJ - PASSAT RP 0837

P. 4

Méridien, Othon, Copacabana P. 25

# HOTEL DE LUXO OFERECE SEXO

GARANTIA  
A CIRCULAÇÃO  
DESTE JORNAL

**Governo é o padrinho**

# INQUISIÇÃO CONTRA NANICOS!

Sobre os atentados de grupos clandestinos de direita à bancas de jornais, pessoas, entidades e partidos ligados ao movimento popular, três coisas estão claras.

1 — Se a polícia, e portanto o governo, não têm participação direta nos incêndios e fuzilarias, também não mostram o mínimo interesse em elucidá-los.

2 — O governo, com sua inércia, legitima propo-

sitadamente a ação da direita fascista e a usa para desestabilizar o quadro político, contendo a arranca da eleitoral da oposição (tem eleição direta pra governador em 1982) e impondo depois, com sua "autoridade", uma ordem política "equilibrada". De centro.

3 — É a oposição ao regime político do país que está sendo tratada à bala.

São os que criticam o governo que sofrem atentados em cinco Estados, numa operação nacional e militarmente coordenada.

A tática é conhecida e não surpreende mais ninguém.

Conclamamos todos que apóiam a imprensa de oposição a garantirem sua circulação, repudiando a censura das bombas e seus padrinhos no governo.

## 4 maneiras de apoiar a imprensa da Oposição

Leitor, você pode garantir a circulação do REPORTER, enquanto persistirem as ameaças às bancas de jornais:

1 — Exija o jornal na banca, encomende se for preciso, ou procure-o nos pontos de venda que a imprensa alternativa montou nos centros das capitais;

2 — Assine e dê de presente assinaturas anuais do REPORTER. São só Cr\$ 400 cada — Escreva para Margem Editoria — Rua Miguel Couto — 134/11º andar — CEP: 20070;

3 — Auxilie o jornalista que foi atingido pela violência. Dê o que puder nos postos de coleta — ao lado da banca danificada — ou deposite numa conta bancária aberta com esse fim. O banco e a conta serão anunciados pelos jornais diários;

4 — Denuncie as panfletagens e incêndios de bancas à qualquer redação da imprensa alternativa. Anote as chapas dos carros usados.

## Quando querem, prendem



Foto Valdir Afonso

A polícia não consegue descobrir quem está praticando atos de terror contra a oposição brasileira. Mas, a polícia de Recife descobriu rapidamente o autor de uma pichação de muro da cidade (Xô, Figueiredo): a alemã Ingeborg Sinna. Ela foi presa, enquadrada na Lei de Segurança e foi expulsa do país dia 31 de julho.

## Carta aos jornalheiros

### AMIGO Jornaleiro

Elementos não identificados estão ameaçando, através de panfletos, atentar contra as bancas que venderem as publicações da imprensa alternativa.

Uma banca foi incendiada em São Paulo e outra em Belo Horizonte. No Rio, em Madureira, houve um atentado a bomba. Muitos jornalheiros, atemorizados e sentindo falta de cobertura das autoridades estaduais e policiais, inexplicavelmente omissas em garantir a propriedade privada, estão deixando de vender esses jornais. Esta omissão das autoridades, que deveriam providenciar policiamento ostensivo e eficaz nos locais ameaçados, dificulta por parte dos jornalheiros o cumprimento do artigo 11 do decreto 1.601 de junho de 1978, que obriga os proprietários das bancas a receberem todos os jornais, desde que a venda não seja proibida por lei.

Foi criado o Fundo de Apoio aos Jornaleiros, para que se possa ressarcir os prejuízos causados pelos criminosos. Nas Câmaras Estaduais e Federais parlamentares denunciam esse terrorismo de elementos interessados em comprometer a abertura política.

É estarrecedor que a polícia ainda não tenha identificado esses criminosos que estão impedindo o livre exercício da profissão de duas categorias: jornalheiros e jornalistas.

Não nos deixaremos intimidar e tentaremos de todas as maneiras mobilizar a opinião pública no sentido de exigir das autoridades o respeito à lei e à ordem pública.

PASQUIM. REPORTER. HORA DO POVO. UNIDADE SINDICAL. VOZ DA UNIDADE. MOVIMENTO. EM TEMPO. COOJORNAL

*Esta é a carta que os jornais nanicos estão dando aos jornalheiros. Criamos um fundo de apóio para cobrir prejuízos das bancas atingidas. E atenção, jornalheiro: se tiver problemas, procure a Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) na sua capital. Ela vai lhe dar assistência jurídica gratuita.*

## ASSINE REPORTER



### REPORTER

EDITORES — Alex Solnik, Chico Jr., Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)

CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno  
REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes, Luis Ferrão, Maria Helena Araújo. São Paulo: Rivaldo Chinen, Silvio de Souza, Hélio Belik, Teresa Moreira. Recife: Eduardo Homem, Beth Salgueiro. Salvador: MariLuce Moura. Brasília: Antonio Beluco Marra.

FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. São Paulo: Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. Recife: Valdir Afonso, Xirumba.

ARTE — Analuce Estrella, Guidacci, Maurício Veneza.

CIRCULAÇÃO — Eduardo Curi

PUBLICIDADE — Carlos Sarmiento e Keline Keller (contato)

DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo e Luiz Eduardo Greenhalg

REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda. Rio de Janeiro: Rua Miguel Couto, 134/11º andar, tel: 253-5038, 253-5077, 233-4331. São Paulo: Rua do Seminário, 155/sala 30, tel: 227-7175. Recife: Av. Conde da Boa Vista 121, Grupo 707, tel: 222-1224

Composição, fotolito e impressão — Editora Mory Ltda., Rua do Resende, 65, Rio de Janeiro

Distribuição — Fernando Chinaglia S.A. — Rua Teodoro da Silva, 907. Rio de Janeiro

Itamaraty mandou jornais "abafarem o caso"

# DIPLOMATA BRASILEIRO É ESPIÃO DOS EUA

## ELE TRABALHAVA PARA A CIA

Toda essa história fantástica rola nos corredores do Itamaraty, em Brasília, desde o pedido de asilo político, inédito e insólito, para um diplomata brasileiro. O asilo foi negado, Guilbaud foi dado como louco por alguns — o que não é —, mas frontalmente acusado de espião da CIA por outros.

Não há provas, à vista, de nada, mas seus acusadores lembram que ele sempre teve a fama de ser excessivamente "americanista", tendo, por isso, alguns atritos com notórios partidários do regime brasileiro, de linha nacionalista de extrema-direita, como o embaixador Raul Fernando Belford Roxo Leite Ribeiro.

Quando serviu em Lisboa, Guilbaud cismou de denunciar Raul Fernando de ligações muito estreitas com o Serviço Nacional de Informações (SNI) e de ter feito negócios ilícitos na compra de uma casa pela representação diplomática brasileira. Levou a denúncia ao então embaixador Carlos Alberto Fontoura (também de insuspeitadas ligações com o SNI, pois fora seu chefe), que negou-se a dar-lhe seguimento, mesmo porque a denúncia era infundada. Agora, Guilbaud,

O funcionário do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, diplomata de carreira, Jacques Claude François Michel Fernandes Vieira Guilbaud, nascido em Lisboa, é agente da Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA). Há muito tempo, e recentemente, foram obtidas, no Itamaraty, em Brasília, provas de sua vinculação aos serviços de espionagem norte-americanos.

Quando ia ser desmascarado pelas autoridades diplomáticas brasileiras, ele botou fogo no circo e criou uma situação delicada: pediu asilo político ao governo do Canadá, onde servia na embaixada do Brasil, alegando perseguições por ter denunciado que o Esquadrão da Morte, grupo de extermínio que fingia matar marginais, executava mesmo os adversários do regime político brasileiro.

"Por isso, os restos das vítimas são sempre desfigurados por esses quadros pára-policiais" — ele disse numa entrevista coletiva a jornalistas, dada em Toronto, Canadá, há três meses, para justificar o asilo que pedia.

apertado contra o muro, volta a repetir vagas denúncias de que "um diplomata" fez negócios escusos com a compra de uma casa em Portugal. Acusa também outros diplomatas de terem sido recrutados pela KGB, a polícia secreta da União Soviética, no Cairo, na década de 60.

Nada disso é verdade, a não ser na fantasiosa imaginação de Guilbaud, que pensa mais em sair-se honrosamente do desmas-

caramento a que seria submetido muito em breve, sem nenhuma honra.

O Itamaraty, surpreendido pela reação inesperada do seu funcionário, passou a preparar legalmente seu afastamento dos quadros diplomáticos, para evitar escândalos. Tudo foi arranjado para que o episódio desapareça das manchetes dos jornais. Primeiro, fez-se uma cortina de silêncio em torno do caso: não se conseguiu informação em nenhuma fonte oficial; segundo, os grandes jornais foram "orientados" pelo governo para boicotar

o assunto, apesar de seu potencial noticioso.

As claras, soube-se apenas que foi constituída uma comissão de inquérito, com três membros, à luz do Regulamento do Funcionalismo Público. A comissão começou a trabalhar e enviou a Toronto seu chefe, o ministro Rubens Ricupero, para colher mais informações sobre o caso e, se possível, ouvir Guilbaud pessoalmente.

Ricupero ficou quase duas semanas em Toronto, enviou várias convocações a Guilbaud, que as ignorou solenemente. Voltou de mãos abanando esta semana. Agora, a comissão tem até 6 de agosto para dar seu parecer final sobre o caso e, muito provavelmente, concluirá que Guilbaud deve ser afastado por abandono de emprego ou "problemas psíquicos".

Avesso a escândalos, o Itamaraty não quer cutucar a fera acuada em Toronto. Guilbaud continua morando lá irregularmente — deveria ter sido expulso do

Canadá quando seu aviso foi negado — mas, por outro lado, está suficientemente amordaçado pela própria inverossimilhança de suas acusações: já perdeu até mesmo o crédito da imprensa.

Entre os colegas, seu afastamento é visto como um desabafo: ele sempre foi temido por suas vinculações extremistas de direita (muito embora essa tendência tenha escorrido por uma vertente nova, quando a CIA passou a ser inimiga do Brasil, após a política de direitos humanos do presidente dos Estados Unidos, Jimmy Carter), e nunca teve amigos. Suas promoções na carreira sempre vieram com muito atraso, sinal de que as cúpulas do Itamaraty o desdenhavam — ele ocupava o posto de primeiro-secretário.

Assim, o parto será sem dor e sem gemidos. O assunto morrerá abafado, "como é preciso", para o bem de todos, dizem diplomatas brasileiros que conhecem o caso.

Reportagem de  
Carlos Marchi



# OS CARROS DO TERROR

## JORNALEIROS DÃO A PISTA

Jornaleiros do Rio e de São Paulo identificaram dois carros cujos ocupantes os ameaçaram: Fiat LS 9596 (SP) e Passat RP 0837 (Rio). Um jornalista carioca informou que sua banca foi visitada pela Polícia Federal para depois aparecer pichada. O delegado Tuma, do Dops de São Paulo, acusou agentes do Doi-Códi pelo seqüestro do jurista Dalmo Dallari, mas confessou: "não consigo entrar lá dentro para prendê-los".

Reportagem de Tim Lopes, Rivaldo Chinen e Alex Solnik



Foto Hélio Campos Mello

A banca queimada em São Paulo em julho

## A Polícia é suspeita

A pista é esta: um Passat preto, ano 80, vidro fumê, placa RJ-RP 0837, ocupado por dois homens; um branco, com entradas na cabeça, de aproximadamente 45 anos, o outro, um garotão, de uns 28 anos, tipo atlético; que na manhã do dia 24 passado estiveram na banca da Praça do Carmo, entre a Avenida Brás de Pina e Estrada Vicente de Carvalho, quase em frente à 38.ª Delegacia Policial.

São eles que estão aterrorizando os jornaleiros nos subúrbios do Rio de Janeiro. Segundo o Detran, a placa é "fria" e pertence originalmente a uma Brasília branca, cujo proprietário, um engenheiro, mudou-se do endereço que consta no fichário daquele órgão há dois meses. Procurado na residência atual, o engenheiro não sabia explicar a coincidência das placas. O movimento na Praça do Carmo é intenso. O jornalista Sétimo Ácri, dono de 30 bancas, consegue dar algumas informações, mais desconfiado do que apavorado.

Os caras chegaram de manhã na banca perguntando se eu trabalhava com os jornais *Hora do Povo*, *Pasquim* e *REPORTER*. Como já estava sabendo das ameaças, através do meu irmão, que possuiu uma banca em Osvaldo Cruz, que foi panfleteada e riscada, aí eu parei de vender esses jornais. Eles têm boa saída, vendem bem. Se me dessem garantias, eu continuaria vendendo, mas sou pai de quatro filhos e tenho que zelar pelo meu patrimônio.

Na madrugada do dia seguinte (25) na Praça Patriarca, em Madureira, em frente à padaria Petit Madri, uma bomba explodiu na banca de Filomeno Amato. Nas fechaduras da banca

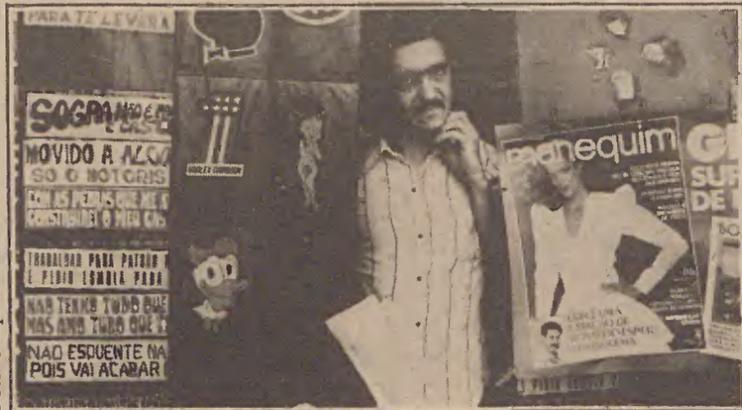


Foto Chiquito Chaves

Sétimo, viu o carro do terror.

botaram **duplex** (cola) e muitos panfletos dizendo que "o seu pavio está aceso, cuidado". **Zé** (foi assim que se identificou) que trabalha para o Filomeno, disse que antes das ameaças sempre expôs os jornais alternativos em toda a banca.

— Depois que apareceram esses bilhetes aí, o seu Filomeno mandou parar de expor o jornal. Meu irmão, é isso que tenho que dizer, a banca está aí estraçalhada, 35 mil de prejuízo, quem vai pagar?

Em Vila Isabel, nas imediações da Praça Niterói, o velinho da banca não quis se identificar, estava revoltado:

— Aqui em Vila Isabel eu fui o primeiro a ter a minha banca panfleteada. Cheguei um dia aqui cedo e estava tudo pregado na parede. Tive um moço que viu um homem saltar de um carro preto e pregar esses papéis aqui e em outras bancas aqui por perto. Segundo o moço que me falou o homem estava armado. Isso pra mim é a polícia — ninguém duvida que é — as provas todas levam a isso: como é que um homem de manhã pode estar colando panfleto e armado? Esses são os

verdadeiros terroristas. Nós jornaleiros não temos nada a ver com isso.

Na estação de Ramos, subúrbio da Leopoldina, no Rio de Janeiro bem em frente à estação, na rua Professor Lacê, Carlos Andrade, 26 anos, jornalista:

— Fiquei puto por que eu cheguei um dia de manhã, depois de tomar umas e outras na noite anterior, e encontrei a banca cheia desses papéis, falando que iam acender o meu pavio. Ainda tenho panfleto desses colado aqui, é o último que resta. Eu vou continuar vendendo os jornais, tenho todos aqui na minha banca. Além do jornal vender bem fala a verdade, é por isso que ele está sendo perseguido. Algum tempo atrás teve aqui o pessoal da Polícia Federal, na época da apreensão da *Hora do Povo*. Eles chegaram e perguntaram se eu tinha esse jornal e o *REPORTER*. Eu falei que tinha apenas dois exemplares do jornal de vocês, o resto já tinha sido vendido. Foi quando eles se apresentaram como policiais e saíram levando os meus dois jornais. Quinze dias depois a banca amanheceu pichada.

## Chapa branca ronda bancas. Delegacia recusa apóio.

As jornaleiras Maria Teresa Lou e Regina Maria da Silva receberam, dia 31 de julho, em São Paulo, uma ajuda de Cr\$ 80 mil dos jornais alternativos para poderem comprar uma banca nova em substituição à que foi queimada na madrugada de 22 de julho. O prejuízo total delas foi de mais de um bi — Cr\$ 800 mil só de estoque — e esse dinheiro elas receberão de um fundo criado pela imprensa alternativa, através de venda de bônus.

Maria Teresa e Regina são das poucas mulheres que mantêm, sozinhas, banca de jornal em São Paulo. Estavam trabalhando há um ano no bairro do Itaim, esquina de São Gabriel com Joaquim Floriano. Local movimentado, de muita venda. Todos os jornais alternativos eram vendidos lá, "não por que dê dinheiro, mas por que a gente gosta", dizem elas.

Quando receberam o primeiro panfleto de ameaças, em 25 de junho, Maria Teresa e Regina foram registrar queixa no 15.º Distrito. Para surpresa delas, foram as únicas a fazer isso embora muitas bancas tivessem recebido os panfletos. Pediram proteção para trabalhar, mas os policiais disseram que não podiam fazer nada, só pe-



Foto Eliana Pastore

Regina, a vítima

diram para elas não se preocuparem.

Um jornaleiro que não dorme de preocupação é Juraci Barbosa, com banca na avenida Paulista. Ele não dorme mais: passa as noites acordado, rondando a banca, "esperando por eles":

— Eu vou pegar eles. Se ninguém pegar, eles vão ficar impunes. Eu não gosto de me curvar.

Silene Aparecida Leite, jornaleira do bairro de Pinheiros conseguiu identificar o carro em que estava um homem que ameaçou sua banca: um Fiat azul LS9596. O homem tem mais ou menos 35 anos, barba e cabelos grisalhos. Outros jornaleiros estão denunciando que suas bancas estão sendo vigiadas por carros com chapas brancas (oficiais).

## Tuma acusa Doi-Codi de sequestro. Mas não age



Foto Juca Martins

"Kojac", do Doi-Codi

— Se eu pudesse, eu invadiria o Doi-Codi e prenderia os culpados pelo atentado ao professor Dalmo Dallari. Só que eu não posso fazer isso, não consigo.

Foi este o desabafo de Romeu Tuma, chefe do Dops de São Paulo, a subordinados e advogados de presos políticos. Tuma também forneceu uma pista para identificação de "Kojac", o agente que foi fotografado reprimindo a greve no ABC e as vaías contra Maluf na Freguesia do O:

— "Kojac" é do Doi-Codi — garantiu o chefe do Dops.

## CCC anunciou agitação. TFP tem exército. Deu no jornal

Em entrevista ao REPORTER n.º 15 (março de 79), o advogado Cassio Scatena contou como agia o CCC — Comando de Caça aos Comunistas — e anunciou que o grupo estava se preparando para voltar a agir. Na entrevista, ele afirmou que participou de pelo menos uma reunião, quando foi tomada a decisão de quebrar o Teatro Ruth Escobar, onde era encenada a **Roda Viva**. Da reunião, conta Scatena, participaram elementos do CCC, da TFP e militares do II Exército.

Fatos como a invasão do teatro e outros, do período de 1968, já foram apurados pela polícia. A única pista foi fornecida pela revista **O Cruzeiro** que publicou um listão com gente do CCC. Mas a polícia não foi atrás.

Quanto à TFP, também nunca foi incomodada pela polícia. Apesar de ela possuir até quartéis clandestinos (REPORTER 31). Nos últimos dias, manifestações teatropistas aconteceram em vários pontos de São Paulo, inclusive no Itaim, bairro da banca incendiada. A TFP sai às ruas "comemorando 50 anos de luta contra o comunismo".



Foto Chiquito Chaves

A "brincadeira": 35 mil de prejuízo e vendas paradas

## Dops acha atentados "uma brincadeira"

No velho prédio da rua da Relação com a rua dos Inválidos, no centro do Rio de Janeiro, fica o DPDS (Departamento de Polícia Política e Social), órgão da Secretaria de Segurança do Estado. No 3.º andar um policial atende na porta de ferro que dá para o fundo de um corredor. Pede para aguardar. Volta em minuto depois. A sala do delegado Artur Brito Pereira, responsável por investigações sobre os atentados às bancas, é pequena, e com móveis antigos. Jornais diários, alternativos, revistas semanais, um radinho de pilha e uma televisão ocupam a sua mesa. Gordo, engravatado, ele se ajeita na cadeira e atende à reportagem.

— Estamos investigando, estamos investigando. Ainda não há nada de concreto. Isso é brincadeira de criança. Muita brincadeira. Não há nada de mais, foi uma bombinha. Isso é criança; pega no orelhão e ameaça o jornalista. Não temos nada de concreto ainda.

**E a segurança do jornalista?**

— Prevenir é impossível. Um policial em cada banca não dá. Isso é uma escalada, começou em São Paulo, Minas; aqui as conseqüências não foram tão graves. Eu sou contra esses atentados, isso fere à idéia. A oposição tem que existir, ainda mais quando ela é permitida pelo governo, quer dizer, o governo permite essas publicações.

**Delegado, há pichações nos tapumes do Metrô com a inscrição da PFP (Partido Falangista Patriótico).**

— O quê? PFP? Nunca tinha ouvido falar. Mas essas inscrições estão cheias por aí e não vejo nada de mais. Tem Lerfa Mú, Mumu, Malu, acho até normal. Nem sei o que quer dizer isso. Antigamente era um tal de CC ou CCC, Caça de Comunista, não dá pé mesmo.

**Só no Rio de Janeiro foram abertas 13 sindicâncias para apurar atentados de natureza política, praticados contra pessoas e instituições, desde de 1976. Os autores dos atentados nunca foram descobertos. Todos os processos estão arquivados.**

— Arquivados, não. O acautelamento das sindicâncias não implica, necessariamente, no arquivamento delas. A gente está sempre vendo se há ligação de um atentado com outro. Isso é praxe mas até agora foi impossível descobrir algum implicado. Qualquer novidade eu comunico a vocês.

Na ante-sala um policial abre a pasta em que está a sindicância n.º 11/1980, com o depoimento do jornalista Filomeno Amato, que teve sua banca de jornais e revistas danificada pela explosão de uma bomba. No mesmo processo o jornalista Ítalo Novelo, da banca n.º 39, da Rua Barão de Mesquita, esquina com rua Uruguai, pede garantias para trabalhar em paz. O policial com a voz pausada fala, antes de fechar a pasta:

— O inquérito já foi aberto, estamos só esperando o laudo, que não vai modificar muita coisa do que o perito já fez. Não vai se apurar nada.

Há 100 metros dali, no moderno prédio da Secretaria de Segurança, onde fica o general Edmundo Murgel, secretário de Segurança, ninguém fala nada sobre os atentados. No gabinete atapetado, o porta-voz da Secretaria, delegado Edgar Façanha, procura atender ao repórter, respondendo com poucas palavras.

— É ordem do secretário de segurança e do governador do Estado apurar com rigor esses atentados. Eu, particularmente, acho difícil descobrir alguma coisa, não temos vestígios de nada. Isso é só para assustar, você viu que a bomba não matou ninguém, não feriu ninguém.

## Governo mineiro justifica incêndios

A direita anda ativa e articulada em Minas Gerais e alguns grupos da chamada linha dura, que ainda não engoliram o processo de abertura política, estão bem representados dentro do próprio governo mineiro. Esses grupos estariam, inclusive, organizando a **Operação Cristal** envolvendo civis e militares e cujo objetivo seria provocar o fechamento através de ações terroristas.

Um dos grupos mais atuantes nessa operação é o Movimento Militar Constitucionalista Mineiro, cujos membros participaram ativamente do desmantelamento de organizações de esquerda. Além disso, a organização Tradição Família e Propriedade (TFP) está se movimentando muito em Minas, tendo procurado realizar contactos com certas áreas do governo Francelino Pereira.

Este, revelou uma fonte credenciada ao REPORTER, está dividido entre a ala liberal e a ala

dura. Da primeira fazem parte os secretários Paulo Haddad, Celso de Azevedo e Fagundes Neto. Na ala dura estão os secretários Paulino Cícero e Márcio Garcia Vilela, além do secretário de Segurança, coronel **Amando Amaral**, que junto com o diretor do DOPS tem nas mãos o comando de toda a polícia mineira, considerada notável pelo seu grau de violência.

Que o coronel Amando Amaral não é flor que se cheire fica claro através do diálogo que manteve com um representante da imprensa nanica, que foi reclamar dos atentados contra as bancas de jornais. Disse então, o coronel:

— Vocês radicalizam, eles respondem.

— Mas, coronel, nós publicamos jornais legais, não queimamos bancas.

Diante disso o coronel Amando saiu-se com esta pérola:

— Vocês incendeiam com idéias.

## Prefeito de Nilópolis proíbe o REPORTER

Aproveitando-se do clima de terror contra os jornalistas, o prefeito de Nilópolis, João Batista da Silva, do Partido Popular (de Chagas Freitas), ameaçou punir as bancas que colocassem o REPORTER em exposição com destaque. A intenção do prefeito era impedir a venda do jornal, que nos números 30 e 31 (de junho e julho últimos), denunciou irregularidades cometidas por sua administração.

Em julho, o REPORTER mostrou o abuso de poder da prefeitura, que gastou mais de Cr\$ 4 milhões sem prévia autorização da Câmara de vereadores. O vereador Manuel Malaquias (PDT) conseguiu que fosse instaurado um inquérito policial contra o prefeito; e por contar essa história a edição do jornal esgotou em Nilópolis. Já em julho a denúncia teve desdobramento: graças a manobras do prefeito, Manuel Malaquias acabou sendo afastado do cargo



Foto Claudio Passos

O prefeito Batista

de 1.º secretário da Câmara Municipal.

Para dar força às suas ameaças, o prefeito de Nilópolis aproveitou-se de um decreto antigo que obriga os jornalistas a constuírem bancas de acrílico, substituindo as atuais bancas comuns de zinco. Para a maioria dos jornalistas isso é impossível, pois uma banca de acrílico custa Cr\$ 300 mil.

# COMPAREÇA!

## 11 DE AGOSTO

### Ato Público Nacional

### em Repúdio aos Atentados

### SP: Teatro Tuca, 19 hs

### Rio: Cinelândia, 17 hs

# Hortas contaminadas no Rio

CASAS DA BANHA, SENDAS, DISCO VENDEM OS PRODUTOS

Reportagem de Luiz Ferrão  
Fotos de Chiquito Chaves

Os supermercados Casas da Banha, Disco e Sendas vendem legumes e verduras contaminados, que são cultivados em hortas localizadas em Nova Iguaçu. Quem passa próximo a essas hortas, de ônibus, não vê nada de mais. As grandes plantações de couve, alface e agrião, com seus muros brancos e tanques de água, dão até um toque especial à paisagem urbana.

Mas quem conseguir penetrar nas hortas ficará estarecido. Em muitas delas os tanques de lavar verduras estão cheios de água parada e podre; em vez de água tratada, as verduras são regadas diariamente com água contaminada; há grande quantidade de lagartas brancas e caramujos espalhados entre as verduras; o inseticida aplicado além de contaminar as verduras atinge também a água armazenada.

A horta que abastece as Casas da Banha de Nova Iguaçu e feiras livres de Belford Roxo, Mesquita e do Centro da cidade, fica na rua Dr. Barros Junior, entre os números 200 e 456. A horta não pertence às Casas da Banha, mas o supermercado se abastece nela, pois fica bem perto de sua loja, e, assim, não há despesas com o transporte das verduras e legumes. Apesar dessa proximidade, o gerente das Casas da Banha, Raimundo Sobrinho, diz ignorar completamente as condições em que as verduras e os legumes são cultivados.

Nessa horta a imundície é completa. Entre os canteiros de couve, alface e espinafre, há uma grande plantação de agrião. E no tanque onde são semeadas as sementes do agrião, há centenas de caramujos, lagartas brancas e cobras d'água. Uma grande bomba puxa a água parada do tanque improvisado para regar diariamente as verduras. Um lavrador que fazia covas para mudas de cebolinha fica com receio de falar:

— Eu não sei se a água é contaminada. A vala vem daquelas casas (aponta para uma rua ao lado). Só você falando com o dono. Ele mora na Barra da Tijuca. O nome dele é Francisco Monteiro.

A hora que abastece as Casas Sendas fica um pouco distante do centro de Nova Iguaçu. É preciso andar por uma estrada que sai junto à rodovia Presidente Dutra, no distrito de Austin. A aparência é melhor do que a da horta das Casas da Banha, mas as condições de higiene estão longe de serem, sequer, razoáveis. No centro da horta há uma vala de água com um lodo verde de onde saem muitos bichos. Ao lado da horta mora um agricultor, que possui um cachorro. Há um forte cheiro de bosta de cachorro no ar e o zumbido das moscas é intenso. O agricultor tem os pés rachados e o calcanhar bem aberto. O dono da horta, Nelson Nascimento, procura se justificar:

— A doença de meus empregados é comum lá fora. É doença do fígado. Não é sujeira da horta, não. Mesmo assim vou mandar destruir os tanques velhos para evitar as moscas e os caramujos.

O gerente das Casas Sendas de Nova Iguaçu, Roberto Bonfim, a exemplo do gerente das Casas da Banha, também se faz de inocente:

— Doenças? Não sei disso, não. Temos controle absoluto da qualidade das mercadorias. Só compramos mercadorias de qualidade assegurada. Mas acho que a fiscalização maior compete ao governo.

Essa jogada dos gerentes, de falarem pouco sobre as compras de verduras e legumes dos pequenos e médios plantadores de Nova Iguaçu, não se deve apenas à contaminação dos alimentos. Há uma outra jogada irregular por trás disso: as compras são, em muitos casos, feitas sem nota fiscal. Quem denun-



A Horta da Banha: saem bichos do lodo podre



Roberto, da Sendas, mentiu

cia isso é o agricultor José Luiz Carvalho Sobrinho, que trabalhou na horta que fornece para as Casas da Banha entre 1972 e 1978:

— O dono da horta, seu Monteiro, tinha seis empregados, mas só assinava a carteira profissional de quatro. E dizia que não podia ter tantas despesas, porque os supermercados pagavam muito pouco e compravam sem nota fiscal.

A horta que fornece para o Disco também é uma sujeira só. Fica à rua professor Paris e além de possuir valas centrais com caramujos e lagartas, tem uma enorme fossa junto ao canteiro de couve. As mudas de agrião são criadas numa grande vala, onde há pedaços de bosta e outros detritos. A sujeira é tanta que o proprietário da horta tem, freqüentemente, problemas com gafanhotos, lagartas brancas, caramujos e até cobras.



Manoel "Gotinho" sem proteção

Para combater essas pragas, os lavradores aplicam constantemente um inseticida chamado Thiobel, altamente tóxico. Se alguém por descuido ingerir uma verdura ainda "suja" de inseticida poderá ter tosse, vômitos, hipertensão arterial, colapso respiratório, confusão mental e outras doenças. Nas hortas de Nova Iguaçu, a aplicação é feita sem nenhum cuidado, e os legumes e verduras chegam a ficar queimados.

Além disso, os lavradores que usam o inseticida não têm roupas apropriadas para realizarem esse trabalho. Assim, correm o risco de absorvê-lo através da pele ou

Caramujos na horta do Disco

por via oral. E isso causa envenenamentos e doenças de pele. "Gotinho", que aplica inseticida na horta que fornece ao Disco, diz que não se protege adequadamente "porque o dono da horta não compra o material necessário".

Os donos das hortas dizem que seus lucros são pequenos. Os lavradores que trabalham para eles vivem miseravelmente. Quem lucra, então, com as vendas de legumes e verduras? A resposta é fácil: a parte do leão dos lucros fica com os supermercados, que compram barato e vendem caro. Nelson Nascimento, que fornece para as Casas Sendas, afirma que vende 1 dúzia de molhos de couve por Cr\$ 18,00. Pois bem, a Sendas vende cada molho desses até por Cr\$15,00. Assim, a dúzia que é adquirida por Cr\$18,00 pode acabar rendendo para o supermercado Cr\$ 180,00.

O governo do estado não ignora as condições das hortas, embora nada de efetivo tenha feito contra elas até agora. Nos últimos doze meses os comandos sanitários da Secretaria de Saúde já multaram a Sendas três vezes e às Casas da Banha. Mas as acusações foram por venda de carne e peixes estragados. A comercialização de verduras e legumes continua impune, expondo a sérios riscos a saúde da população.

A Secretaria da Fazenda, por sua vez, já tem provas de que os supermercados sonegam impostos através da venda de verduras, frutas e legumes. A jogada é simples: esses alimentos estão isentos do pagamento do ICM. Então os supermercados vendem outros produtos e registram essas vendas como se fossem de hortifrutigranjeiros, livrando-se assim do pagamento do imposto. Mas, apesar de saber disso, a secretaria até agora não puniu supermercado algum, permitindo assim que estes engordem seus lucros de forma irregular.

# CLUBES COAGEM ÁRBITROS

**Juiz carioca denuncia**

Foto Rogério Carneiro



O juiz Teodoro de Castro

- Supermercado suborna bandeirinha na Bahia
- Dirigente troca 2 vacas por vitória no Recife
- Pênalti na final do Nacional vale 1 milhão
- Técnico manda fazer falta "por rodízio"

— É preciso criar um órgão autônomo de juizes, ligado ao Conselho Nacional de Desportos, em que só o governo tenha força e que seja autônomo, imune às pressões dos clubes. Do jeito que as coisas estão atualmente, o árbitro no Brasil é uma ilha, cercado de coações por todos os lados e, de vez em quando, banhada por altas ondas de suborno.

Quem diz isso é Teodoro Fernandes de Castro, juiz da Federação Carioca de Futebol. Nascido em Catolé do Rocha, na divisa da Paraíba com o Rio Grande do Norte, ele é um dos poucos que se dispõem a falar sobre as irregularidades nas arbitragens. Por isso, passou dois, dos seus sete anos de carreira, sem apitar, vetado pelos clubes. A carreira de juiz de futebol, segundo ele, é muito precária, com poucas garantias, e isso é uma das razões pelas quais a violência vem crescendo no futebol brasileiro.

— Nós juizes não temos

seguro de vida, atendimento médico e muito menos uma entidade de classe nacional. Então nos sentimos desamparados. A maioria apita com um olho no jogo e outro no banco dos cartolas. O jogo de conveniência leva a concessões, e a violência acaba prevalecendo. O juiz é coagido a tal ponto que conta até 10 antes de dar um pênalti ou anular um gol. O medo de um veto faz com que ele ignore as leis.

Além da possibilidade de veto, a corrupção ronda os juizes. Ao falar do problema, Teodoro conta um episódio que acontece todos os anos, em Salvador, por ocasião do Campeonato Nacional.

— Quando o Nacional começa, conhecido dono de uma cadeia de supermercados emprega tudo que é bandeirinha nas suas lojas, com bons salários e sempre lembra: "os clubes de fora vêm, jogam e vão embora, enquanto vocês ficam aqui e dependem do emprego, não é?"

Teodoro mesmo já foi vítima de uma tentativa de suborno.

— Aconteceu comigo em Pernambuco, num jogo entre Ibis e Caruaru. O dirigente chega prá você de mansinho e diz: ô fulano, se eu perder esse cargo de presidente, que tanto lutei prá conseguir, vai ficar ruim prá mim. Vê se dá uma mãozinha, que uma lava a outra. Chega a ser cômico. O que ele me oferecia eram duas vacas leiteiras. Claro que não aceitei e o jogo terminou zero a zero.

**E pênalti num grande jogo, quanto é que custa?** Diz Teodoro:

— Todo homem tem seu preço, é o que dizem. Eu, pelo que conheço, posso dizer que se fosse o caso de existir um corrupto apitando no Maracanã, numa final do Campeonato Nacional, cobraria Cr\$ 1 milhão para dar um pênalti. Mas poderia ser mais caro, dependendo do momento da partida. Quanto mais perto do final, melhor, pois não há tempo do

adversário reagir.

A corrupção atinge até a punição dos jogadores através dos cartões.

— Alguns juizes brasileiros costumam cobrar Cr\$ 500 por cartão amarelo. Se for o terceiro da série é mais caro. Se for cartão vermelho é mais caro ainda.

Atualmente, diz Teodoro, tudo é feito para garantir um resultado, tirar um jogador de campo e ganhar um jogo.

— Os técnicos de jogadores juvenis já criaram o que chamam de pancada profissional, que é a chamada falta por rodízio. Um jogador do time adversário, geralmente muito hábil, é o visado. Então, vários jogadores do time adversário começam a bater nele. O que não pode acontecer é o mesmo bater duas vezes, porque aí, se ele já levou o amarelo, acaba levando o vermelho. Mas, se há o rodízio de falta, o risco de levar o vermelho não existe e quem acaba saindo de campo é a vítima escolhida. A única maneira de evitar isso, é

dar o cartão vermelho logo que se percebe a manobra.

Para Teodoro se não for criado um órgão forte, que proteja os juizes, a violência e a corrupção vão continuar, prejudicando o futebol brasileiro. Na situação atual, a manipulação das arbitragens começa antes mesmo do jogo ter início:

— Estou cansado de saber de dirigentes que pressionam e acabam mudando árbitros nos domingos de manhã, horas antes do jogo. As vezes recebemos telefonemas nos domingos das próprias federações: olha fulano, se alguém te telefonar, diz que você está doente, não vai poder apitar e que já foi substituído. Isso não passa de um grande conchavo. Em Salvador, por exemplo, a reunião de árbitros é tão fechada que nem Al Capone conseguiria entrar. Em Recife fui impedido de fazer uma palestra para árbitros. Sabe porque? Por que sabem que eu não sou comprometido e, por isso mesmo, abro o bico.

## Justiça abre inquérito contra Sport

A Federação Pernambucana de Futebol está julgando um caso de suborno, ocorrido no campeonato deste ano. Dirigentes do Sport Clube Recife, um dos maiores times de Pernambuco, tentaram subornar o zagueiro William "Olhão" e o goleiro Batista do América para que amolecassem um jogo. O objetivo do Sport era ganhar por muitos gols, para se distanciar do seu principal adversário, o Santa Cruz.

William e Batista recusaram o suborno. Mesmo assim o Sport venceu por 5 x 0. Antes do jogo, corriam boatos na cidade do Recife de que o Sport faria de tudo para ganhar o jogo. Sabendo disso, o técnico Schiller Diniz, do América, orientou seus jogadores para que denunciassem qualquer tentativa de suborno.

O primeiro a ser procurado foi o goleiro Batista. O intermediário foi Levi de Aquino, conhecido por Levi Papa Frango, ex-goleiro do América do Rio, despedido há dois anos por motivos óbvios. Levi propôs a Batista que

levasse dois frangos, pelo que receberia Cr\$ 60 mil.

— Toquei ele para fora de casa aos gritos, e só não lhe dei uns tapas porque minha mulher não deixou. Isso não é proposta que se faça a um homem decente, diz Batista.

Levi foi então atrás do zagueiro William "Olhão", que topou o negócio na hora. O trato era que ele fizesse dois pênaltis, ganhando 10 mil por cada um. A cantada final foi dada na cidade de Gravataí, onde estava a diretoria do Sport.

— Comi uma galinha assada e tomei muita cerveja. Os caras não sabiam que nesse jogo eu estava no banco, devido a uma distensão na virilha. Na hora o Levi me deu Cr\$ 5 mil em cheque, e mais Cr\$ 5 mil, em cheque, de um diretor, o Homero Lacerda, que é presidente do Conselho Deliberativo.

Domingo de manhã William entregou os 10 mil ao presidente do América, Fernando Guerra. Desde então, William e Batista têm recebido

visitas de pessoas desconhecidas, e o zagueiro está até usando revólver.

A imprensa pernambucana não noticiou a tentativa de suborno e a diretoria do América estava disposta a esquecer o caso, segundo o capitão Fraga, diretor de futebol.

— Ai eles vieram com uma história de que o cheque em nosso poder era resultante do pagamento de uma compra feita numa loja de tintas de propriedade do presidente do Sport, mostrando inclusive uma nota fiscal falsificada. Ai era demais.

Com isso o América não quis mais conversa. Não aceitou os quatro jogadores que o Sport queria lhe dar em troca do silêncio sobre o suborno. Um inquérito contra o Sport foi aberto no Tribunal de Justiça Desportiva de Pernambuco. O principal acusado é Levi Papa Frango, que desapareceu misteriosamente.

Entrevistas a Beth Salgueiro

William, zagueiro (ao lado) e Batista, goleiro (abaixo)



Fotos Valdir Afonso

Ele crê na fusão com PT

# BRIZOLA QUER

O homem que armou o povo em 64 defende o "jogo político"

Porto Alegre, 27 de agosto de 1961. Três horas da madrugada. Pelo rádio, a voz grave e sonora do governador Leonel Brizola começou a despertar os lares gaúchos. Exaltado, ele conclamava à resistência à bala, se necessária, para garantir a posse do seu cunhado, João Goulart, na presidência da República. Era a primeira vez, naquelas 48 horas de angústia que se seguiram à renúncia de Jânio, que alguém ousava ameaçar com a guerra civil os poderosos ministros militares que, de Brasília, tramavam contra o governo constitucional.

E o governador não ficou nas promessas. Formou a "Cadeia da Legalidade". Ocupou militarmente as rádios Guaíba e Farroupilha. Requisitou 3 mil revólveres da fábrica Taurus, todos calibre 38. Armou o povo, montou trincheiras em torno do Palácio Piratini e garantiu o desembarque de Goulart em Porto Alegre no dia 1º de setembro. No dia 7, Goulart tomava posse e Brizola se tornou o líder popular mais famoso e temido (pelos capitalistas, claro) da América Latina, depois do cubano Fidel Castro.

5 de maio, 1963. Vamos encontrar o governador com

um mandato de deputado federal pela antiga Guanabara, assegurado por consagradores 200 mil votos. Ele está num comício em Natal e, sem rodeios, acusa de "golpista e gorila" o comandante da guarnição local do Exército, o general Antônio Carlos Muricy. E não fica aí: conclama os soldados das três forças a pegarem em armas para garantir as reformas de base.

— É preciso colocar mais fogo na fogueira e aumentar a pressão contra o Congresso para conseguir a aprovação das reformas indispensáveis à vida brasileira — afirmava, exaltado.

2 de abril, 1964. O deputado está inquieto. O golpe militar está praticamente vitorioso, mas ele quer resistir. Em porto Alegre, último foco de resistência legalista no país, ele toma a palavra e, incisivo, dirige-se a Jango:

— Organize aqui o seu governo, presidente. Nomeie o General Ladário Ministro da Guerra e, quanto a mim, só desejo a Pasta da Justiça. Vamos resistir.

Pouco depois, o deputado estava no exílio. Nos anos que se seguiram, seria banido da história oficial do país. Mas quem é esse homem que



Brizola, antes de 64, o círculo preto destaca o Padre Alípio de Freitas.

uns idolatram, que os historiadores sérios ressaltam a coragem e que o regime tanto temeu e perseguiu?

Quem chega ao amplo escritório — cedido por um amigo —, do luxuoso edifício localizado no Leblon onde Brizola está instalado, tem logo uma surpresa. Bem conservado para os seus 58 anos, o homem que atende pelo nome de Brizola não tem nada do incendiário agitador que se tornou lendário após o golpe de 64. Também nada tem do irresponsável que seus inimigos tentaram incansavelmente criar. Pelo contrário: é um homem comedido, muito educado,

que fala como se fosse um computador — pensa em tudo que vai dizer, evita fazer acusações, externar rancores ou mesmo citar nomes de militares. Só raramente ousa referir-se a Figueiredo, mas mesmo assim de forma discreta: "Se ele quiser, pode entrar para a História como o presidente da transição democrática".

Luta armada, expropriação de multinacionais, reformas de base, educação de massa, são expressões banidas do seu vocabulário. O exilado mais temido pelo regime é hoje um social-democrata — condição que ele revela com

orgulho — que quer disputar o poder no jogo político tradicional. "O povo não quer violências; quer é soluções para seus problemas", costuma confidenciar a pessoas que privam de sua intimidade. Prudente, não gosta de dar entrevistas de improviso — exceção feita apenas à grande imprensa, no dia-a-dia: "sou o responsável por um partido e tenho responsabilidades. Não posso falar sem refletir", explica ele. O partido a que Brizola se refere é o PDT (Partido Democrático Trabalhista), o novo front do ex-Governador desde que a governista Ivete Vargas ganhou na Justiça a sigla do antigo PTB.

Seu destino político, se o PDT fracassar, é um enigma tão grande quanto a realidade da mudança de personalidade que sofreu o ex-Governador nos longos anos de exílio. Se as coisas derem certo, ele vai para o PT do Lula, com seus correligionários. Da sua personalidade, o único indício de que o revolucionário do passado sobrevive sob a capa do político moderado é a sua obstinada reação a renegar o passado. "Se fosse preciso, faria tudo de novo", disse no meio da entrevista que concedeu, por escrito, ao REPORTER.

## "Grupos civis alimentam a violência da direita"

De 1964 para cá, o seu nome foi banido da História do Brasil. O senhor poderia se apresentar às novas gerações?

— Sou o que sempre fui. Agora, é natural que o tempo nos modifique. Só não mudam os que não conseguem acompanhar o próprio ritmo da vida, que é, por natureza, cambiante. Minha luta sempre foi frontal. Não sou homem de manobras. Não sei jogar no segundo ou no terceiro lance, como tantos políticos. Entendo os preconceitos, os enganos, os julgamentos errados a meu respeito. Ao longo desses 16 anos de autoritarismo, as novas gerações não tiveram possibilidades de conhecer a história do nosso País.

Em que dia começou o golpe militar de 64? Poderia ser evitado se o governo João Goulart não tivesse sido tão vacilante?

— A partir de certo momento, o presidente Goulart verificou que não tinha mais condições de resistir, a não ser com um alto custo, um grande

tributo de sangue, e não se sentiu com o direito de impor nada ao povo. O que ocorreu em 64 vinha de longe. Muitas tentativas anteriores a 64, mas com a mesma inspiração, já tinham sido feitas, como em 51, 55 e 61. Sobre 64 e o regime que daí resultou, tenho uma certeza: se o presidente Goulart tivesse imaginado o que ocorreria com o nosso povo, de forma alguma teria agido com tanta boa vontade e tolerância.

Por que os militares deram o golpe em 64?

— Toda uma articulação de interesses e grupos, visando à instauração do autoritarismo no Brasil, foi adquirindo, com o tempo, uma conexão militar. Embora minoritários em 64, conseguiram, aos poucos, envolver o conjunto das Forças Armadas em seus propósitos. Tinham e têm um fundamento elitista: cultivaram a idéia de que eram criaturas superiores, iluminadas, capazes de impor ao povo suas fór-

mulas. O resultado foi um grande fracasso.

Por que, num determinado momento do exílio, o senhor fez a opção pela luta armada como forma de combate à ditadura?

— Não se tratou de uma opção. Prevalcia a nossa aflição com o sacrifício imposto ao nosso povo do que, propriamente, convicções ideológicas. Tanto assim que a razão, com o tempo, prevaleceu diante do sacrifício inútil. O povo soube enfrentar a violência e a humilhação. Digeriu o regime.

Esta opção não teria mais efeito se fosse feita às vésperas do golpe?

— É difícil dizer. Praticamos a democracia, mas nunca tivemos uma tática, embora tivéssemos uma visão estratégica correta. Estávamos vendo que o tempo se carregava, ia chover. Daí a idéia de organizar o povo através do grupo dos 11. Naquele tempo, como hoje, acreditávamos que a construção da nova sociedade terá que ser feita num ambiente de

liberdade. Ainda no dia 23 de março de 1964, escrevi um artigo no "Panfleto", da mais pura e elevada pregação democrática. Ao ler esse texto, agora, depois de 16 anos, me senti muito confortado.

A revista "Veja" disse que o senhor era demagogo em 60, incendiário em 63, foquista em 67 e social-democrata na atualidade. Qual desses quatro é o verdadeiro Brizola?

— Sinceramente, não sei explicar tanta diversidade de qualificações. O que posso assegurar é que a essência de toda a minha atividade pública não está marcada por essas características. Combati e fui combatido. Construíram muitas deformações a meu respeito. Muitas, hoje, causam embaraços a quem as formulou.

De todos os golpistas de 64, qual o senhor gostaria de julgar, hoje?

— Não pretendo julgar ninguém, especialmente aqueles dos quais procuro guardar distância. Assim como não lhes reconheço autoridade para julgar-me. O juiz é o povo.

# CASAR COM LULA

Reportagem de Dênis de Moraes e Francisco Viana



"Muitos desses militares vêm passear, exibir aqui sua banda e seus uniformes. Muitos deles feitos com tecidos do Rio Grande, com a lã de nossos rebanhos cuidados pelos peões de nosso interior, por nossos homens do campo, que nesta hora, ardentes de patriotismo, desejam ir até o sacrifício para lavar a dignidade da pátria enovelhada por três ministros prepotentes, que desejam sufocar as liberdades, que desejam atropelar o regime e frustrar a vontade do povo. Se pensam que estão nos assustando com esses barcos de guerra, especialmente com o Minas Gerais, estão muito enganados."

Em 5 de setembro de 1961, durante a vitoriosa Campanha da Legalidade, pela posse de João Goulart.

Em 64, o senhor exilou-se; agora, afirma que nunca mais sairá do país. Enfrentaria um retrocesso a bala?

— É muito difícil a gente falar sobre hipóteses.

"Se a democracia de que dispomos continuar sendo uma espécie de cobertura legal para o esbulho de nosso povo, aqui declaramos num solene juramento: denunciaremos esse sistema como instrumento de opressão e de domínio de nossa pátria e caminharíamos para os meios de luta a nosso alcance. Mais vale perder a vida lutando, que perder a razão de viver."

Em 22 de maio de 1962

Quem é presidenciável no Brasil?

— Existe muita gente em nosso país em condições de dirigir e coordenar um bom governo.

Tancredo Neves é presidenciável?

— Por que não? É um dos homens mais experientes e lúcidos do Brasil.

O PTB é o Partido Trabalhista

Brasileiro; o PDT é o Partido Democrático Trabalhista; o PT é o Partido dos Trabalhadores; o PMDB tem um departamento trabalhista; e até o PDS fala em cogestão. Não é muito partido para pouco trabalhador?

— Não. É sempre positivo que alguém se proponha a trabalhar pela organicidade do povo. Agora, o que existe em matéria de partidos e de programas é muito farisaísmo. Os trabalhadores saberão separar o joio do trigo.

O PDT é uma ponte para uma fusão com o PT, ou tem projeto próprio?

— Não somos nenhuma espécie de ponte. Com o PT, pretendemos caminhar, quando possível, paralelamente. Assim como duas linhas de uma estrada de ferro. Juntos, procuramos, fraternalmente, levar o trem ao seu destino.

Lula e Brizola poderiam conviver no mesmo partido? Quem iria liderá-lo?

— Seria incompatível qualquer pretensão de prevalência de um sobre o outro.

Teme um golpe de direita como consequência da crise econômica?

— Não. Estou convencido de que a própria crise será um fator de abertura. Quem, em 16 anos, não resolveu os problemas do país, não resolve mais. Mais autoritarismo, para quê?

"O Brasil e os brasileiros não podem continuar assim. Aqui vai a palavra de quem só deseja uma saída para essa situação, quem deseja ver o país reestruturado e reformado, quem quer ver o país livre da espoliação internacional. Se os poderes da República não decidem, por que não transferimos essa decisão para o povo brasileiro?"

Em 13 de março de 1964

A direita voltou a agir violentamente no Brasil. A direita é só policial-militar?

— Não sou especialista em direita. Mas creio, no caso, que o seu centro alimentador seja civil. Grupos de interesses dominantes que envolvem, na maioria dos casos, pessoas ingênuas, que são levadas a praticar as maiores brutalidades.

Se o senhor chegasse ao poder, o que faria no dia seguinte: a) queimaria os arquivos do Dops; b) desativaria os serviços de informação e segurança; c) estatizaria o sistema financeiro; d) acabava com o latifúndio; e) desapropriaria empresas multinacionais que comprovadamente lesassem o país; f) socializaria a medicina; g) o que faria com os monopólios de comunicação?; h) a polícia garantiria os direitos dos trabalhadores contra os patrões?

— É raciocinar com base num idealismo, numa hipótese remota. Todos os itens contêm uma inspiração correta que qualquer governante deveria seguir com os métodos que considerasse adequados.

"O processo espoliativo é como uma doença insidiosa. Dir-se-á que ela reclama muito mais uma intervenção cirúrgica que um tratamento clínico. Somos, sim, contra um sistema econômico internacional que tem sua sede nos Estados Unidos e que é a fonte, a causa dos sofrimentos e de toda a sorte de deformações na vida dos povos cujas economias domina, como é o nosso caso e de toda a América Latina. E temos razões de sobra para odiar este sistema de espoliação que nos vem tornando a vida insuportável."

Em 25 de novembro de 1961

Por que o senhor repete tanto que o trabalho é o caminho brasileiro para o socialismo?

— O trabalho é um movimento com raízes, com um corpo de doutrinas inspirado nos valores do trabalho, inteligível para o nosso povo. Através dele, chegaremos à construção de uma sociedade igualitária.

"Estamos nos preparando para orientar e conduzir uma revolução que desejamos se processe pacificamente. Revolução dos métodos políticos e administrativos, mais especificamente no que diz respeito às reformas estruturais que o povo reclama. Caminhamos pela senda da ordem e da legalidade, mas estaremos prontos para enfrentar qualquer tipo de luta."

Em 11 de novembro de 1961

O povão nunca entendeu bem (ou não recebeu explicação) a causa de sua briga com Ivete Vargas. Poderia contá-la com detalhes?

— Tenho certeza de que o nosso povão entendeu muito bem essa história. Esse foi o grande engano dos que procuraram esta armação judiciária contra nós, os verdadeiros trabalhistas.

Qual a sua opinião sobre a visita do papa João Paulo II ao Brasil?

— Antes de o papa chegar, fizeram-me a mesma pergunta. E eu respondi: a presença do papa vai reunir multidões imensas, como nunca ocorrera a um só tempo em nossa História. Eu estava certo. Os efeitos da visita do papa nunca seriam somados em favor do autoritarismo. Bem ao contrário, seriam a favor da liberdade, da justiça social e da participação.

# VEREADORES NÃO TRABALHAM DESDE 1976

Tem até prêmio de Cr\$2 mil para quem vai à Câmara

Reportagem de Luis Ferrão. Fotos de Claudio Passos

Quatro vereadores estão no plenário lendo jornais. E outros três compoem a mesa que dirige os trabalhos. O presidente da Câmara Municipal ainda não chegou (está uma hora atrasado, como sempre). O vice-presidente abre a sessão. Na galeria, três ou quatro jornalistas transitam inquietos, aguardando a leitura das mensagens e projetos que serão apreciados para a primeira votação. Está na pauta de discussões a convocação de uma Comissão Parlamentar de Inquérito para apurar as causas do surto de tifo que, em Nova Iguaçu, já fez centenas de vítimas; o pedido de aumento para os servidores municipais que ganham abaixo do salário-mínimo regional; leitura da carta de protesto, enviada pelo Movimento Amigos do Bairro, contra a construção do novo prédio da Prefeitura, preterindo obras mais urgentes, como a instalação de esgotos e calçamentos nas principais ruas da cidade.

Aberta a sessão, chega o presidente. Neste momento está sendo lida a mensagem do vereador da oposição, Bento Gonçalves (PMDB), pedindo a criação da Comissão de Inquérito sobre o tifo. E, logo a seguir, o vereador Arruda Câmara pede que seja examinado o quorum, para verificar se há condições de apreciar as mensagens com o número mínimo de vereadores (2/3 mais 1), determinado pelo Regimento Interno da Câmara. A constatação: mais uma vez (pela terceira vez em um mês) não poderá haver trabalho porque não estão presentes 8 dos 21 vereadores.

Em Nova Iguaçu, além das faltas constantes dos parlamentares às sessões da Câmara Municipal existem cinco vereadores que não apresentaram projetos nem falaram da tribuna desde o início de seus mandatos, em 1976. A Bancada do Silêncio,

como ficou sendo conhecida depois que o jornalista Artur Cantalice assim a nomeou, tem quatro vereadores do PDS, o partido do governo, e um do PP, partido do governador Chagas Freitas, que só abrem a boca para bocejar durante as poucas sessões a que comparecem. São eles: Francisco Ferreira Lima, Almir Cordeiro, Gibaldo Dantas e Adauto Vargas (PDS); e Sebastião Portes (PP).

A baixa frequência dos vereadores nas sessões da Câmara forçou até a criação de um prêmio especial, para estimulá-los a comparecerem. O vereador é presenteado com cerca de Cr\$ 2 mil cada vez que vai às sessões.

O vereador Adauto Vargas, em quatro anos de mandato, fez apenas um pronunciamento, congratulando um casal de noivos seus amigos, dando-lhes os parabéns pelo casamento, em outubro do ano passado.

— Seus eleitores conhecem a sua atuação na Câmara?

— Eles sabem — diz Adauto — e sabem que em vez de dizer besteiras eu fico quieto.

A Câmara de Nova Iguaçu tem 74 funcionários e cada vereador 1 assessor e 1 oficial de gabinete. A Câmara consome Cr\$ 37 milhões da Receita Municipal e esta quantia deverá ser reajustada este ano para pagar o aumento de salário dos vereadores. Cada parlamentar tem direito a um automóvel da Prefeitura, um motorista e gasolina à vontade, cujos gastos chegam a Cr\$ 200 mil mensais. As funções de assessor e oficial de gabinete (com remuneração de Cr\$ 19 mil para cada), foram criadas em maio deste ano, o que foi taxado pelo vereador Bento Gonçalves (PMDB) de "empreguismo descarado".

A apatia dos vereadores e a indiferença da Prefeitura Municipal para com os problemas de Nova Iguaçu, faria supor que nenhum deles gosta de política e aceitaram concorrer aos cargos que hoje ocupam simplesmente pelo salário e as regalias que usufruem, pois têm possibilidades de empregar parentes e amigos.

Para o vereador Mário Marques, líder do Governo Municipal (PDS), a ausência de vereadores na Câmara e a falta de participação no

## A BANCADA DO SILÊNCIO DE NOVA IGUAÇU



Francisco Lima (PDS)



Gibaldo Dantas (PDS)



Adauto "Kojac" Vargas (PDS)



Sebastião Portes (PP)

debate se deve à incerteza que se instalou no meio político, com a reforma partidária e o adiamento das eleições.

Para o ex-líder da Arena, na Câmara, vereador Adjovaldo Silveira, a carreira parlamentar, hoje, é apenas um emprego, no qual não vale a pena arriscar quase nada. Agora no PP, Adjovaldo acha que os Vereadores do partido do Governo devem, como ele, fazer uma higiene mental.

— Abandonei o partido do Governo para fazer uma lavagem cerebral. A Arena fechou o Legislativo em 1978. A Arena massacrou o povo. E, hoje, nessa abertura que aí está, ainda há resquícios da ditadura que só com a reconquista das prerrogativas do Legislativo poderemos remover. Tenho vergonha desse partido, que me deixou tão mal diante dos meus eleitores.



## PREFEITO DO PDS DESPACHA EM CASA

O prefeito de Nova Iguaçu, Ruy Queiroz (PDS), talvez atingido pela preguiça dos vereadores, também se tornou motivo de brincadeiras na cidade.

Quase ao completar quatro anos de mandato, Ruy Queiroz já fez 23 mudanças em seu gabinete. Os secretários foram remanejados, alguns deles quatro vezes, como é o caso do secretário de Educação e o de Governo. Tudo isso para atender às pressões do grupo que elegeu Ruy — do PDS.

Para gozar o Prefeito, alguns moradores de um bairro pobre de Nova Iguaçu, a Chatuba, fizeram um júdas no Dia de Aleluia, no qual colaram placas criticando-o. Um jornal de humor do município, ao fazer a escolha das personalidades do ano e suas respectivas fantasias, escreveu que o Prefeito sairia fantasiado de "Pudim de Cachaça" no carnaval de 1980, porque ele é "frequentador assíduo dos bares da cidade".

Ruy Queiroz visita seu sítio particular no distante município de Paulo de Frontin (RJ) três a quatro vezes por semana. É lá que despacha com seu secretariado, de quinta-feira a domingo. Ele detesta jornalistas e só dá entrevistas ao *Jornal de Hoje*, que faz as publicações oficiais. Quando é abordado em solenidades, o prefeito des-conversa e nada fala.

O presidente da Câmara, vereador Ricardo Gaspar (PDS), é filho do conhecido Cacique Político de Belford Roxo (o Distrito mais populoso de Nova Iguaçu), Antonio Gaspar. Ele foi eleito presidente mesmo sem nunca ter-se revelado político hábil ou bom orador. Perguntado por que permanecia sempre calado, ele disse:

— O município não tem dinheiro para fazer obras.



## O maior colégio eleitoral da Baixada

Nova Iguaçu é a cidade da Baixada Fluminense que possui o maior colégio eleitoral. Isso quer dizer que, na região, o município indica o maior número de representantes no grande colégio eleitoral nacional que indicará, de forma indireta, o novo presidente da República, em 1986.

Com 1 milhão e 500 mil habitantes, ela é a quarta cidade que mais arrecada o Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) no Estado do Rio de Janeiro. Essa posição, porém, não significa que a cidade esteja em boa situação financeira: os servidores são mal pagos, todas as obras públicas estão para-

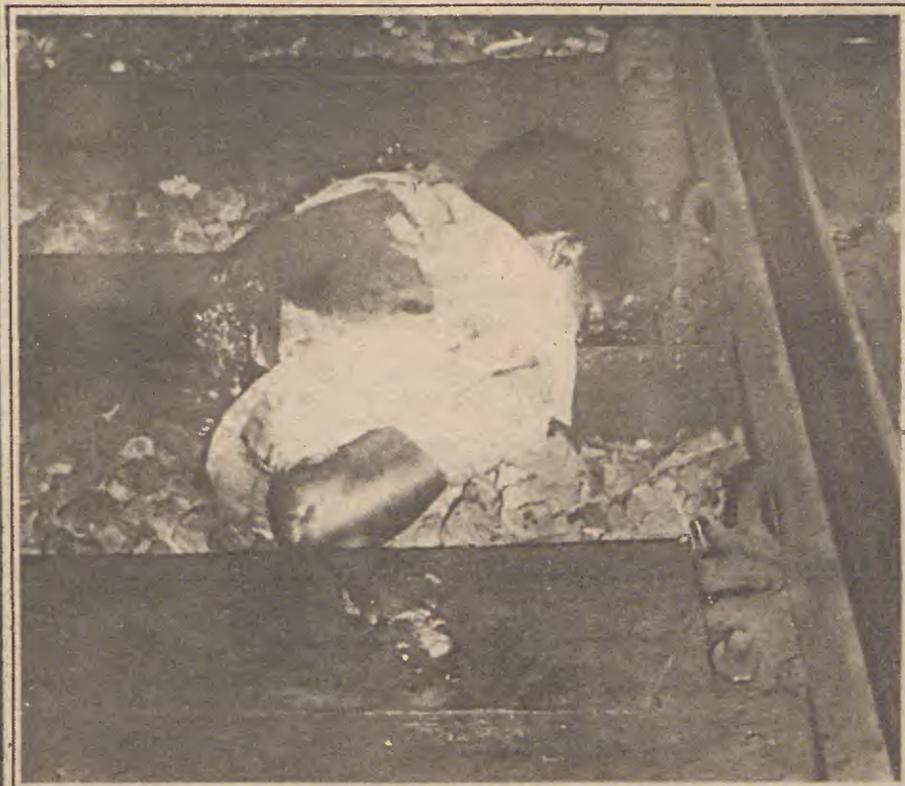
lisadas e nem o surto de tifo está sob controle, pois diariamente surgem notícias de várias mortes causadas pela doença em diversos pontos de Nova Iguaçu. Apesar disso, a Prefeitura do PDS inaugurou recentemente a sua sede própria.

No dia da festa, o Movimento Amigos do Bairro, que congrega quase 100 associações, foi impedido, por forte esquema policial, de mostrar cartazes contra a obra, o próprio Prefeito Queiroz, e seus convidados especiais, o ministro da Justiça, Abi-Ackel, e dos Transportes, Eliseu Resende.





Foi logo depois da estação do Engenho Novo, no Rio.



Eram 18 horas do dia 10 de julho

## Rede Ferroviária anuncia recorde de passageiros... **CORTADO AO MEIO PELO TREM**

Fotos de Chiquito Chaves



Os trens continuaram a passar, mutilando o corpo



Os pulmões caíram entre os dormentes



O coração do rapaz foi jogado longe

A Rede Ferroviária Federal anunciou, recentemente, que bateu o recorde diário de passageiros transportados pelos trens suburbanos do Rio de Janeiro: 684 mil. A procura crescente pelos trens, um meio de transporte barato, não é acompanhada porém de uma melhoria dos serviços. A linha Auxiliar (Central-Belford Roxo) opera, por exemplo, com 250 trens, quase todos em estado precário. Alguns são de 1937. Apelidados de cacarecos, não oferecem conforto nem segurança. A maioria dos que neles viajam têm que ir em pé, em vagões sem luz e sem ventilação.

O resultado dessa falta de conforto e segurança é trágico: os acidentes se sucedem e, em alguns casos, são fatais. No mês passado um rapaz negro caiu do trem e desmaiou. Outros trens vieram e cortaram seu corpo. Seu coração e seu pulmão foram atirados longe. Nas estatísticas da Rede ele será apenas mais um número, mais um acidentado, mais um pingente que se deu mal.

Casos de acidentes fatais deverão continuar acontecendo ainda por muitos anos, pois, apesar de todas as promessas costumarias da Rede, a modernização dos serviços dos subúrbios é lenta e insuficiente para atender à demanda. O Programa de Remodelação e Modernização dos Subúrbios prevê, para 1984, ampliar a capacidade de transporte do sistema de trens suburbanos para 1,2 milhão de passageiros. Promessas como essas já foram feitas muitas outras vezes, inclusive em 1975, quando o governo Geisel lançou um pomposo programa de melhoria do serviço de trens cujas metas nem de leve foram alcançadas.

A desculpa para o fracasso é sempre a mesma: falta de dinheiro. Uma desculpa estranha, pois para obras completamente inúteis como a ponte Rio-Niterói ou a construção da luxuosa sede do Banco Central em Brasília dinheiro não falta.

Enquanto isso os trens de subúrbio, que poderiam conduzir, segundo a própria Rede, 3 milhões de passageiros por dia, transportam mal apenas a quinta parte disso.

Ricardo Bueno



Caro leitor,  
Agora é a vez  
de você conhecer  
os homens do  
governo. Alias,

# OS DONOS

com eles toda  
cuidade é pouco.  
São democratas da  
boca para fora, mas  
não hesitam em  
entregar o país às  
multinacionais, em  
reprimir greves,  
mandar prender os  
trabalhadores e  
arrochar seus sa-  
lários. Esta também  
é uma reportagem  
para você ler e  
guardar junto com o  
título de eleitor.

Reportagem de  
Alex Marques  
e Roberto Vilar



## Murilo Macedo

Passará à História, sem margem de erro, como o mais autoritário e prepotente dos ministros do Trabalho dos governos militares pós-64. Nem mesmo o ultradireitista Jarbas Passarinho conseguiu transformar o Ministério do Trabalho em sede tão autorizada da repressão e do arbítrio. Diretor licenciado do Banco Nacional (seu patrão é Magalhães Pinto, presidente de honra do autodenominado Partido Popular), ex-secretário da Fazenda de São Paulo, conseguiu, em menos de dois anos à frente da pasta, fechar sindicatos com tropas da PM, reprimir greves legítimas com bombas, cassetetes e cães amestrados, expurgar da carreira sindical líderes como Luís Inácio da Silva (Lula), Olívio Dutra e Benedito Marcílio. Programou a ocupação militar do ABC e aceitou todas as investidas dos órgãos de segurança contra os operários. Recentemente, em pesquisa de opinião realizada junto a empresários, foi apontado como o ministro ideal. É compreensível: em nenhum momento, justificou o nome do cargo que ocupa.



## José Sarney

"Esse Sarney é um corrupto, um sujo". Com estas palavras o falecido senador Vitorino Freire, arqui-inimigo do presidente do PDS, definiu esse político maranhense de finos bigodes e pretensiosamente metido a escritor (escreveu dois livros na vida e chegou à Academia Brasileira de Letras). Deputado federal pela UDN em 1958, elegeu-se governador do Maranhão em 62. Conspirador contra João Goulart, bajulou Castello Branco, Costa e Silva e cia, e sempre foi recompensado. Todas as denúncias de vendas ilegais de terras no Maranhão foram arquivadas pelo Supremo

Tribunal Federal. Para sorte dos maranhenses, em 1978 impediram-no de voltar ao governo estadual (o SNI teria desaconselhado sua indicação, face ao escândalo que provocaria). Em seu estado, formou uma oligarquia temida por suas violências, principalmente em questões fundiárias. Recentemente, declarou: "No Maranhão, estou acima do bem e do mal". No governo, no entanto, sua cotação não é das maiores; afinal, o PDS está se desmanchando em vários estados e, no Congresso, só obedece à liderança com ameaças (perda de favores, pressões econômicas).



## Jarbas Passarinho

Não faz muito tempo, um repórter perguntou ao coronel-senador Jarbas Passarinho o que mais temia. E ele respondeu: "Os comunistas. Estudo o marxismo para destruí-los". De fato, esse homem carrancudo não fez outra coisa em sua vida a não ser servir ao regime e caçar comunistas. Tem uma carreira política relativamente recente. Começou-a pelo caminho mais fácil: cassado o governador do Pará em 1964, nomearam-no para substituí-lo. Em 1966, elegeu-se para o Senado, onde está até hoje. Seu governo no Pará é de triste memória para os paraenses: realizou obras secundárias, perseguiu adversários políticos e foi contemplado pela "Folha do Norte" com um arsenal de denúncias de corrupção (vendas ilegais de terras, nomeações em profusão de correligionários e má aplicação dos recursos públicos). Passarinho sempre refutou as acusações e perde a esportiva quando alguém recorda aqueles tempos. No governo Costa e Silva, foi ministro do Trabalho — e, nessa condição, diz ter se orgulhado de assinar o AI-5. Em sua gestão houve repressão a greves e intervenções em sindicatos. Com o general Médici, pulou para o Ministério da Educação. Nunca a censura foi tão implacável; nunca o decreto-lei 477 eliminou da vida universitária tantos estudantes.



## Golbery do Couto e Silva

Um leitor perspicaz não deixará de perceber que a grande imprensa tem feito um bem-calculado esforço para entronizar um novo democrata na história recente do país. Trata-se, sem dúvida, do misterioso general Golbery — hoje, um homem freqüentemente brindado com definições do gênero "Maestro da Distensão", "General do Diálogo", "Mago da Abertura", entre outros tratamentos elogiosos. Quem leu a longa reportagem de capa que recentemente lhe dedicou a revista *Veja*, seguramente vai ficar inclinado a realmente acreditar nas boas intenções deste velhinho simpático, inteligentíssimo e voraz devorador de livros. Se o leitor, além de perspicaz, for também curioso, irá vasculhar os arquivos de algum jornal ou coleções de revistas antigas. E bem provável que descubra, se bem que com certo esforço, um Golbery bem diferente. Um conspirador que iniciou sua carreira em 1953, tentando derrubar Getúlio; que em 55

ficou oito dias preso por tramar contra a posse de Juscelino; e que, desde 61, foi um dos mais incansáveis inimigos de João Goulart. Em 64, o leitor irá encontrá-lo organizando o Instituto de Pesquisa e Estudos Sociais — IPES —, embrião do SNI, do qual ele seria o primeiro e todo-poderoso chefe. No IPES, Golbery montou uma vasta rede de espionagem, chegando a manter 3000 telefones sob seu controle. Em 65, vamos encontrá-lo aconselhando Castello a adiar as eleições; no Governo Costa e Silva, caiu no ostracismo, que se prolongou no governo seguinte, época em que dirigiu a poderosa multinacional Dow Chemical. Voltou ao poder com o general Geisel, com quem fundou a Escola Superior de Guerra, e permanece até hoje no Palácio do Planalto. Seus dois livros "Geopolítica" e "Planejamento Estratégico" são, a um só tempo, manuais do regime e do anticomunismo. Sem dúvida, um democrata no melhor estilo das histórias de ficção.



## Ibrahim Abi-Ackel

Minas está com azar mesmo. Se não bastasse ter que engolir Francelino Pereira, na hora em que poderia se projetar nacionalmente, teve um de seus políticos mais medíocres escolhido para ministro da Justiça. Abi-Ackel não tem cura, cochicham os mineiros: é ruim de voto. Eles têm razão. Em 76, não conseguiu eleger-se à Câmara; ficou como suplente. Só assumiu o mandato porque um deputado pediu licença para ser secretário de Estado. Considerado um político do terceiro escalão, a duras penas elegeu-se em 78. E todo mundo sabia que ele pretendia ingressar no PP, com a reforma partidária. Não o fez porque, após a morte de Petrônio Portela, o general Golbery fez as contas e percebeu que se o PDS não tivesse uma bancada forte em Minas, perderia a maioria na Câmara. Vocabulário pedante, conservador, cercou-se da fina flor da intelectualidade de direita para assessorá-lo no ministério. Os resultados aí estão: cresceu o número de atentados terroristas em todo o país — todos mantidos sob a mais completa impunidade. A violência está nas ruas e o ministro fala em volta do "Cosme e Damião"



## Jânio Quadros

Foi o político que mais contribuiu para frustrar expectativas de mudanças no país. Sua renúncia, no dia 25 de agosto de 1961, abriu inexoravelmente o caminho para o golpe militar de 1964. Por que Jânio Quadros renunciou? Ninguém sabe ao certo. Ele também nunca teve interesse em dar qualquer explicação concreta aos seus seis milhões de eleitores. Talvez, porque por trás do seu gesto esteja — como suspeitam muitos políticos — uma tentativa golpista para fechar o Congresso (instituição que ele sempre viu com restrições) e assumir poderes ditatoriais. Aliás, a renúncia sempre foi a tática de Jânio para fortalecer seu poder pessoal e colocar-se acima dos partidos e instituições. Quando era governador de São Paulo, ameaçou renunciar uma vez, agredindo a Assembléia que bloqueara um projeto seu: "Vou renunciar; não governo com vaqabundos". Na presidência, tentou o golpe mais uma vez e trancou, abrindo caminho para a mais profunda crise política militar da História do Brasil. Admirador das idéias de Golbery e partidário de governos fortes, como o nosso, Jânio está de volta ao esquema do Palácio do Planalto, e fazendo pose de democrata com o PTB.

# DO PODER



## Francelino Pereira

Não tem o brilhantismo do Petrônio Portella, seu antecessor na presidência da defunta Arena, nem o indiscreto charme de bufão do seu colega paulista, Paulo Maluf. É uma figura insípida que começou a se tornar conhecida no país por causa de duas frases lapidares: "A Arena é o maior partido do Ocidente" e "Que país é este?". Eleito deputado federal em 63, manteve-se na obscuridade até assumir, no apagar das luzes do governo Geisel, a presidência da Arena. Pelo modo servil com que cumpriu todas as ordens do Planalto, acabou sendo brindado, contra a vontade dos mineiros (mesmo os mais obscurantistas), com o governo de Minas — onde faz uma melancólica administração. Tem se notabilizado pela forma feroz com que reprime as massas: sua polícia agiu violentamente contra a greve dos professores mineiros, e a greve dos operários da Fiat. Aliás, é em Minas que a extrema-direita tem tido mais facilidades para agir. Se vier a democracia, é candidato certo ao ostracismo. Aliás, onde sempre viveu.



## Delfim Neto

Nenhum trabalhador brasileiro pôde esquecê-lo: foi o arauto e executor implacável da política de arrocho salarial nos governos Costa e Silva e Médici. Pai do chamado milagre econômico — que excluiu mais de 70% da população brasileira do acesso a condições de vida condignas —, Delfim nunca hesitou em utilizar o arsenal legislativo de exceção para beneficiar as classes produtoras. É dele a idéia da manipulação dos índices da Fundação Getúlio Vargas, em 73 — até hoje lembrada pelos sindicalistas autênticos, como forma de denunciar o arrocho salarial. No governo Geisel, perseguido por militares descontentes com sua política econômica funesta, ficou em Paris confinado, como embaixador, gozando de mordomias, até voltar ao país no fim do governo passado, envolvido por

uma onda de denúncias de corrupção. Quem não lembra do rumoroso Relatório Saraiva (dossiê das propinas que ele teria recebido em Paris)? Hábil negociador e protegido de fortes grupos empresariais paulistas, voltou ao poder, tão forte quanto antes, com promessa de dar "um jeito" nos problemas que ele mesmo ajudou a criar. Prometeu frear a inflação em 40%, mas já vamos para 100%, com os preços disparando e os salários desaparecendo no fim do mês, como que por milagre. Tem esperanças de ser governador de São Paulo, e presidente da República, e entre os homens do regime é dos que não pensariam duas vezes no fechamento político, se isto o mantivesse no poder. Há rumores de que os militares deram-lhe prazo de um ano para acertar os ponteiros de economia.



## Paulo Maluf

Não se pode negar que esse obscuro engenheiro foi longe demais nos seus sonhos paranoicos de poder. Empresário, ótimo relacionamento com os generais Médici e Geisel, fama de golpista em 64 (só fama, porque até hoje há muita fumaça em torno de sua verdadeira posição naquele triste ano), língua solta, marido de mulher rica. Esta a receita do dr. Maluf. Um dia, nomearam-no prefeito de São Paulo (dizem que foi um "presente carinhoso" de dona Yolanda Costa e Silva). E o homem se aproveitou e não largou mais o pote. Fez a administração-padrão desses últimos 16 anos: desinteresse pela comunidade, obras equivocadas e muito burburinho na oposição (o prefeito andou fazendo bobagens com o tesouro, dizia o MDB). Secretário de Transportes no governo Paulo Egydio, Maluf andou metendo os pés pelas mãos e as contas da Secretaria foram parar no Conselho de Contas — no fim, pelo sim ou pelo não, foram arquivadas. Acionista do grupo Lutfalla, quase teve sua candidatura ao governo paulista vetada pelos órgãos de informação, afinal o grupo deu aquele rombo na praça. Geisel e Figueiredo queriam Laudo Natel para governador, mas Maluf trabalhou em silêncio e ganhou (é esta a palavra?) os votos dos convencionais da Arena. Hoje, tem-se como certo que Maluf faz o pior e mais odiado governo da história daquele Estado. Quer ser presidente da República, mas, como disse seu ex-assessor Oscar Klabin Segall, "apostando no fechamento do regime, para ser a opção da direita". Sua polícia reprime greves, prende estudantes e operários, bate em quem o vaia (à paisana e com soco inglês, né governador?). Os atentados terroristas sucedem-se em São Paulo (Dallari, Bierrembach, José Carlos Dias etc.) e todo mundo aponta o dedo para o responsável pelo clima de terror, violência e incompetência administrativa (as usinas nucleares no litoral, os empréstimos no exterior). É ele próprio.



## Otávio Medeiros

Dele o país sabe apenas que é um dos homens mais fortes do regime militar, e virtual candidato à sucessão de Figueiredo, caso não seja convocada a Constituinte, nem surja uma alternativa civil para a presidência. Ainda em 64, quando era instrutor na Escola Militar das Agulhas Negras, juntou-se ao grupo de oficiais conspiradores de que fazia parte o coronel João Baptista de Figueiredo. Logo após o golpe, aliou-se a Figueiredo e outros oficiais para transformar o antigo Serviço Federal de Informações e Contra-Informações no todo poderoso SNI — cujo primeiro chefe seria o general Golbery do Couto e Silva. Trabalhou como assistente de Figueiredo no gabinete militar do general Médici, de onde saiu em 1973 para o posto de adido militar da embaixada do Brasil em Israel. Lá, onde está a sede de um dos mais avançados serviços de espionagem e contra-espionagem, permaneceu dois anos aprimorando seus conhecimentos. Em 75 voltou ao Brasil, foi promovido a general de brigada e, em seguida, nomeado diretor da Escola Nacional de Informações — instituição que forma os quadros técnicos para o SNI. No dia 14 de julho de 78, ele deixou o cargo para assumir a chefia do SNI em substituição ao general Figueiredo.



## A. C. Magalhães

É um dos políticos mais hábeis do país e um dos que melhores serviços prestou ao regime. Em 1964, vamos encontrá-lo na Câmara chamando Jango de "frouxo" e "vendilhão da pátria". Não agia intempestivamente. Fazia parte do esquema golpista, que passou a apoiar logo que detectou sintomas de debilidade no governo constitucional. Data desta época a sua amizade com o coronel (hoje general-presidente) João Baptista de Figueiredo; articulador de vários setores civis e militares no golpe. Oportunista, ele aproximou-se de Castello Branco através de Luiz Viana Filho, então chefe da Casa Civil, e conseguiu, quando este foi indicado governador da Bahia, o cargo de prefeito da capital. Fez uma administração eficiente, dotando a cidade de infra-estrutura. Já pensava em ser governador. E conseguiu. Então, não hesitou em esmagar Juracy Magalhães (seu padrinho político), o próprio Luiz Viana e o ex-governador Lomanto Júnior. Nesta época, tornou-se conhecido em todo o país pelo boicote financeiro contra o "Jornal da Bahia", que quase levou à loucura o seu redator-chefe, João Carlos Teixeira Gomes. Amigo do grupo palaciano, conseguiu a presidência da Eletrobrás no governo Geisel e, graças ao seu apoio incondicional a Figueiredo, voltou ao governo do estado. O seu sonho é a presidência da República.



## Bueno Vidigal

Desponta como a jovem guarda do empresariado fortemente alinhado com o regime. Em 1964, tinha 24 anos e ainda vivia sob a proteção agradável do império financeiro da família Bueno Vidigal. Herdeiro da fortuna, elegeu-se mais tarde presidente do Sindicato da Indústria de Peças e Equipamentos (Sindipeças), e representa o setor privado no Conselho Monetário Nacional. Agora, para se fingir de empresário moderno, bem intencionado, e mais camarada com os operários, lança-se à sucessão da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp) — o clube privativo dos grandes patrões do país. É um homem de direita, anticomunista, mas não gosta de ser chamado assim. Diz-se interlocutor de Lula — que o odia. Diz-se tolerante com as esquerdas, mas declarou que "se Miguel Arraes veio para a briga contra a burguesia", vai lutar "para jogá-lo no mar". Define a função do empresário: "Ele deve defender a distribuição de maiores lucros, ou o aumento da participação dos salários no bolo". Incoerente ao extremo, pleiteia eleições diretas, mas não admite que se eleja o presidente da República pelo voto direto. Sempre que pode, afirma que "o brasileiro é capitalista nato. Filhado ao PDS.

# CAOS E LOUCURA.

## É o Metrô em Copacabana

Reportagem de Antonio Marques e Rogério Carneiro (fotos)

O impasse está criado. O ministro dos Transportes, Eliseu Resende, e a Companhia do Metropolitano do Rio querem, a todo custo, levar o metrô para Copacabana, o mais famoso bairro do Rio de Janeiro. A população da área — uma das mais densamente povoadas do mundo — é contra o projeto. O que fazer?

Para o presidente da Associação Comercial de Copacabana, Araken Lima, só há uma solução:

— Vamos deflagrar uma campanha contra a obra, apoiada por mais de 40 associações comerciais e de moradores da zona sul.

A campanha tem dois objetivos bem claros: condenar a execução da obra em Copacabana, até que fique pronta a construção da rede básica entre Botafogo e Tijuca e os subúrbios do Rio, que se arrasta há mais de 10 anos; e só apoiá-la no futuro, se a tecnologia aplicada for moderna, a fim de evitar transtornos à vida do bairro, onde o turismo é vital para o comércio.

A verdade é que os planos de expansão para Copacabana não resistem a nenhuma análise mais aprofundada. Técnica e politicamente a obra não é prioritária. No plano técnico, por exemplo, a ampliação só se justificaria se fosse obedecido o projeto original do Grupo de Trabalho da Fusão (entre os antigos Estados do Rio e da Guanabara). No seu diagnóstico sobre os problemas de transporte do Rio, o grupo defendeu a tese de ampliar o metrô de Botafogo à praça General Osório até 1984. Motivo: a nova linha permitiria aumentar em 500 mil pessoas (1/3 do volume de passageiros previsto para a rede básica, com 37 quilômetros) o movimento do metrô, eliminando mil ônibus e dois mil automóveis do tumultuado tráfego da zona sul.

Além da economia de combustível, a obra, ao retirar o tráfego das ruas, diminuiria alguns problemas graves do bairro de Copacabana: falta de locais de estacionamento, poluição (sem o metrô, em 1984 Copacabana terá



Atravessar a rua já é risco de vida

79 toneladas anuais de gás carbônico, óxido de nitrogênio e hidro-carbonetos) e engarrafamentos permanentes. Mas não só pelo seu elevado custo e dificuldades técnicas de execução, como também pelo seu reduzido interesse em relação a outras áreas da cidade, reconhecida carentes de transporte, a obra é discutível.

As justificativas do governo, à primeira vista, são duas: o fato de o bairro ser um importante centro de oferta de empregos (127,6 mil em 1979) e estar praticamente saturado.

Na prática porém, esses argumentos são como uma nuvem de fumaça. Disfarçam a verdadeira natureza da obra: um projeto para beneficiar os proprietários de imóveis que, com o metrô, veriam seus edifícios de apartamentos mais valorizados do que atualmente. O raciocínio é lógico: a facilidade criada por um transporte como o metrô inevitavelmente resultaria em maior concentração urbana em Copacabana, aumentando o custo da moradia e os lucros do setor imobiliário.

Por trás da obra estão, também, os interesses das empreiteiras que, no princípio da década de 70, cresceram mais do que poderiam e hoje andam em dificuldades financeiras devido à crise econômica e à desaceleração das obras públicas. Não é por acaso que os únicos recursos liberados este ano pelo ministério

dos Transportes para o metrô são destinados quase que exclusivamente ao pagamento de atrasados dos empreiteiros (mais de Cr\$ 1 bilhão) e para custeio da obra bruta.

Com o investimento em Copacabana o governo permitirá que os empreiteiros coloquem em operação sofisticadas máquinas já ociosas por força do fim da obra bruta do metrô, que exigiu grande volume de escavações. Como o problema que mais atinge a população no momento são os incomodos que a obra causa ao tráfego, a estratégia pode ser aplicada de forma bastante simples: fecham-se os buracos da linha básica, faz-se um arremedo de urbanização, monta-se lentamente os equipamentos e abre-se uma nova frente de obras em Copacabana, dando grandes lucros aos empreiteiros.

São por esses motivos que o governo quer a obra, mesmo num pequeno trecho, com 1.800 metros, encravados no morro de São João. A obra é pequena, mas será cara: Cr\$ 2,2 bilhões a preços atuais. Para ser realizada exigirá equipamentos modernos e tecnologia avançada (o que vai de encontro ao interesse das empreiteiras), em oito frentes de trabalho distribuídas por três pontos: a rua Fernando Guimarães, o morro de São João e a praça Cardeal Arcoverde, onde ficará parte da estação do morro de São João, a ser ligada à rua



O trânsito vai piorar mais ainda



Araken Lima

### Só na Praça, 10 mil são contra

Segundo a Companhia do Metropolitano, aproximadamente 35 mil pessoas vivem próximo da região em que será construída a primeira estação do metrô em Copacabana. Elas serão diretamente atingidas pelas obras, que começarão na praça Cardeal Arcoverde. A notícia de que o metrô chegaria a Copacabana provocou a mobilização dos moradores do bairro. Foi fundada, inclusive, uma associação de moradores da praça Cardeal Arcoverde, e mais de 10 mil pessoas já estão dispostas a lutar contra a obra.

Para o presidente da Associação dos Moradores de Copacabana, Araken Lima, o ideal seria que o metrô fosse construído em Copacabana obedecendo aos padrões seguidos em Londres. Recentemente ele esteve lá e, por curiosidade, foi ver a construção de um novo trecho do metrô da cidade — cuja linha figura entre as melhores do mundo — e ficou supreso:

— Não há qualquer interferência na vida da cidade e tudo é feito sob o solo, sem que a população sequer perceba. O engenheiro que conversou comigo ficou estupefocado quando contei nossos problemas.

Além do tumulto, a população de Copacabana não aceita a demolição do teatro Gláucio Gil e da escola Aquino Correia.

— É um absurdo, diz Laura Oliveira, vice-presidente da Associação dos Moradores da praça Cardeal Arcoverde. No ano passado, as crianças da 6.ª, 7.ª e 8.ª séries foram transferidas para a Urca, sob a alegação de que a obra deveria começar logo. Não houve obras e tudo ficou indefinido. Por que destruir uma escola e um teatro, num país onde essas duas coisas fazem tanta falta?

No ano passado a administração do teatro Gláucio Gil, pertencente ao governo estadual, recebeu um comunicado de que ele iria abaixo e que um outro teatro seria construído em local diferente. Mas nada disso aconteceu, embora o governo afirmasse que o comunicado continua de pé. Essa situação deixa inquietos os funcionários do teatro, alguns com 15 anos de casa. Segundo um deles, "vai ter muita gente chorando quando esse teatro cair. Mas vai ter mesmo".

A maioria dos moradores, do bairro, entrevistados, entre perplexa e desinformada, não vê necessidade de que se comece a furar em Copacabana sem que o resto das obras do metrô tenha sido terminada. A maioria é contra o modo como são realizadas as obras, o desperdício de dinheiro, a falta de respeito com

as condições de vida do bairro e a falta de segurança quanto ao término da obra.

Já houve até um abaixo-assinado de pais de alunos das escolas estaduais para que as obras não fossem iniciadas e o grosso dos comerciantes tem a esperança de que todos se unam "para impedir uma obra que só traz agonia". Opinião compartilhada pelo ator Osmar Prado, que estava ensaiando no teatro Gláucio Gil, para quem o metrô como meio de transporte "é paliativo sem ser de fato solução".

Para ele a solução é outra:

— Nós temos é muito carro particular circulando. A meu ver a solução seria o desenvolvimento de veículos coletivos, para que as pessoas não usassem o carro particular. Você já imaginou o que será para Copacabana uma obra do vulto do metrô? Vai ser um inferno. O melhor mesmo é pegar uma bicicleta. Pistas para ciclistas era uma solução interessante para o trânsito. Eu às vezes venho ao Gláucio Gil de bicicleta. Sabe quanto tempo demoro? Meia hora, de Laranjeiras. Pego a rua das Laranjeiras, desço a Pinheiro Machado, pego a São Clemente, entro na Real Grandeza, desço a Siqueira Campos, entro na Avenida Copacabana e estou aqui. É simples.



O ator Osmar Prado sugere bicicletas, e menos carros, pra melhorar o trânsito. Na Praça Cardeal Arcoverde, uma escola e um teatro vão abaixo.

## Esta praça vai sumir



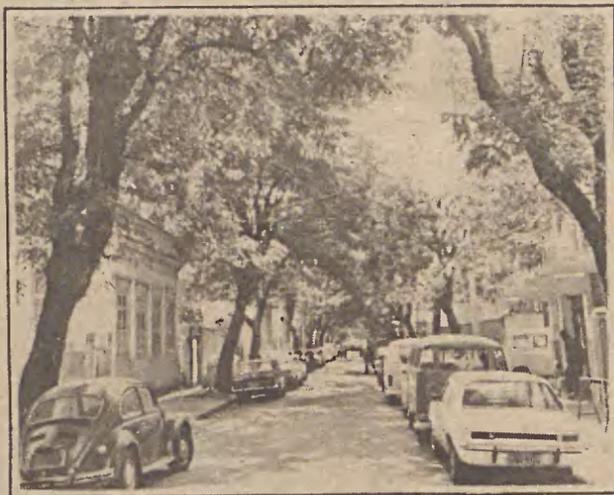
## Esta rua será desfigurada

Uma rua quase centenária, onde os passarinhos ainda cantam nas árvores durante o dia vai ser desfigurada em Botafogo, caso se concretizem os planos do metrô de ampliar sua linha até Copacabana. Trata-se da rua Fernandes Guimarães, onde a apreensão aumenta à medida em que o noticiário sobre as obras ganha espaço nos jornais. Nos últimos seis meses, seus moradores incorporaram à rotina cotidiana perguntas como: "para onde ir?", "o que irá acontecer aqui?" e, enfim, "quais as casas que serão desapropriadas?"

É o caso, por exemplo, de d. Maria da Glória, de 60 anos. Ela mora no primeiro imóvel que o metrô vai demolir quando ampliar a linha: é uma casa de dois quartos, duas salas, quintal amplo e aluguel de Cr\$ 6.166. Dona Maria vive em companhia de oito pessoas e, desde que leu a notícia nos jornais, está desorientada:

— Desde o princípio do ano estou apreensiva. Eu não sei para onde ir: vivo aqui há mais de sete anos, o aluguel é acessível, a casa é ampla e a rua calma. Não vamos encontrar nada igual em lugar nenhum do Rio, salvo se formos para um local distante, no subúrbio. Se isto acontecer, nossa vida vai piorar muito: meu marido é aposentado, vive doente e ganha pouco. Além disso, o resto do pessoal daqui da casa terá de gastar mais dinheiro para chegar ao trabalho.

As desapropriações são uma incógnita, já que a Companhia do Metropolitano pouco



Quinze casas desta rua, em Botafogo serão destruídas.

divulga sobre elas. Afirma-se que o lado direito da rua Fernando Guimarães seria demolido, mas ninguém tem concretamente informações a respeito do número de casas, do valor das indenizações, nem dos prazos que os moradores teriam para se mudar. No governo passado, estava praticamente certo que seriam demolidas pelo menos 80 casas nas ruas Fernando Guimarães, general Polidoro, Dom Manoel e Álvaro Ramos, em Botafogo. Em Copacabana não haveria demolições, com exceção da praça Cardeal Arcoverde. Ali desapareceriam o teatro Gláucio Gil e a escola municipal Dom Aquino Correia. A praça seria, então, transformada num canteiro de obras e mais tarde destruída definitivamente para dar lugar a um grande terminal de ônibus.

Agora, devido à escassez de recursos, o número de desapropriações caiu para 43 e tudo indica que se

reduzirá ainda mais. Além da falta de recursos, o Metrô não tem condições políticas de voltar a promover desapropriações em massa, porque já estão desmascarados os objetivos especulativos que revestiram boa parte das desapropriações (mais de 3 mil) da rede básica.

No ano passado, quando o metrô pela primeira vez admitiu uma data para iniciar as obras em Copacabana, chegou a ser elaborado um decreto de desapropriação, nunca assinado pelo governador Chagas Freitas. Apesar do sigilo mantido até hoje sobre os números das casas atingidas, o REPÓRTER conseguiu apurar que da lista constavam, entre outros, os seguintes imóveis: Rua Dom Manoel, 38, 44, 46; rua General Polidoro, 55; rua Álvaro Guimarães, 112, 117, 139, 125, 146; rua Fernando Guimarães, 2, 4, 6, 8, 10, 12, 14, 16, 18, 20, 22, 97, 100, 101, 102. Dessas habitações, 24 seriam totalmente destruídas.

Bel. Fabriciano, 23 de junho de 1980.

Ilmo. Sr. Diretor,

Para sua informação, comunico-lhe a confirmação do recebimento do 1º exemplar, das remessas do REPÓRTER, o qual fiz a assinatura.

Fiquei muito emocionado pela rapidez da entrega e com as notícias do jornal.

Sem dúvidas, é o jornal que não tem medo de assinar embaixo. Por isso, há bastante tempo que leio e recomendo aos meus amigos.

Aqui na cidade, pouca gente conhece o jornal. Mesmo assim, logo que chegam as bancas, acaba.

Eu pelo menos tenho todas, porque um Sr. dono de uma banca aqui guardava o para mim. Agora com a assinatura tudo tornou-se mais fácil e simplificado.

Espero que vocês continuem com essa rapidez e, boa vontade de levar a notícia e a verdade ao povo brasileiro. Isto é importante e útil.

Muito obrigado  
A. Souza

## assine REPÓRTER

### CUPOM DE ASSINATURA

Assinatura por 12 edições: Cr\$400,00  
Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM EDITORIA E PROGRAMAÇÃO GRÁFICA LTDA.  
RUA MIGUEL COUTO, 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome: .....

Profissão: .....

Endereço: .....

CEP: ..... Cidade ..... Estado .....

A VIDA DURA DO Sr. IQUIPAU BRASIL "A LUTA de CLASSES" da pras BOSC GUIDACCI



DIREITA VOLVER MANIFESTAÇÕES ORQUESTRADAS S.A.  
apresenta  
**o Grande, o Sensacional  
PRESTIDIGITADOR**

**SALIM MALUF**



**Uma família que ganha Cr\$4.500, mensais paga 16,4% de tributos; quem ganha Cr\$160 mil, paga apenas 4,9%. Dois advogados denunciam injustiça de taxar serviços básicos.**

# Até imposto no Brasil explora os mais pobres

**POLÍTICA DO GOVERNO CONCENTRA MAIS A RENDA**

Reportagem de Marise Cardoso. Fotos de Rogério Carneiro

— Ao contrário da Declaração dos Direitos Humanos, — diz o advogado Márcio Donicci — segundo a qual todos os homens têm direito à habitação, alimentação e higiene, os brasileiros pagam, para sobreviver, vários impostos como o Predial e Territorial Urbano, o sobre Energia Elétrica, a Tarifa Básica de Limpeza Urbana e as Taxas de Água e de Incêndio. Esta última, por exemplo, já está incluída no Imposto Predial e Territorial Urbano, mas vai ser paga em separado. No Brasil, pagar impostos está tão relacionado com o fato de viver em sociedade, que o indivíduo que não tiver C.P.F. não existe, não tem crédito. Por isso, atualmente, a Secretaria da Receita Federal detém mais informações sobre os brasileiros que o próprio SNI.

Sem receber em troca os direitos equivalentes aos impostos, os cidadãos brasileiros pagam tributos, diariamente, de forma direta e indireta, através de taxas mensais ou anuais, dos descontos nos seus salários, ou quando consomem produtos, inclusive os bens de primeira necessidade, como os gêneros alimentícios, sobre os quais incidem principalmente o ICM — Imposto sobre Circulação de Mercadorias — e o IPI — Imposto sobre Produtos Industrializados.

O mais grave é que no Brasil os pobres e as famílias de classe média pagam mais impostos do que os ricos, ao contrário do que acontece na maioria dos demais países. Para o advogado Luiz Roberto Nascimento e Silva, a emenda constitucional n.º 18, de 1965, e a Reforma Tributária, de 1967, foram responsáveis pelos privilégios concedidos aos ricos.

— A partir dessa reforma acabou-se com a taxação dos

lucros imobiliários, eliminou-se a tributação dos ganhos de capital (ou seja, ganhos com a venda de imóveis e ações, por exemplo), reduziu-se o imposto incidente sobre herança para dois por cento, praticamente eliminando-o. Assim, formou-se um conjunto de privilégios fiscais muito grande beneficiando sempre a classe alta. Por isso, a grande massa trabalhadora, que desconta a cédula C do Imposto de Renda, é mais vitimada pelos impostos do que as pessoas que têm rendimento de capital.

— Os tributos indiretos, que representam 70% da receita tributária no Brasil, são injustos na medida em que penalizam o consumidor sem levar em conta seu poder aquisitivo, diz Nascimento e Silva.

— Surge então o que se chama de regressividade, que é a capacidade dos impostos indiretos de retirar das famílias modestas frações maiores de sua renda do que das pessoas mais ricas. Uma pesquisa do Departamento Intersindical de Estatísticas e Estudos Sócio-Econômicos (DIEESE), em 1978, provou que numa família com renda mensal de Cr\$ 4.500, os impostos indiretos retiram 16,4% dessa renda, enquanto que numa família com Cr\$ 160 mil o percentual é de 4,9%.

Por isso o sistema tributário brasileiro é uma das causas da péssima distribuição da renda no país. Segundo o Banco Mundial, o Brasil apresenta um dos maiores índices de concentração de renda no mundo, só sendo superado por países como a África do Sul, a Rodésia e o Gabão.

O advogado Luiz Roberto Nascimento e Silva observa:

— A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio do



Donicci (acima) e Nascimento Silva, dois advogados que estudam o problema dos impostos afirmam que eles, no Brasil, não respeitam nem os direitos humanos: cobram pelos serviços básicos e favorecem os ricos.

IBGE, realizada em 1976, mostrou uma concentração da renda maior que a observada pelo Censo de 70. Este, por sua vez, tinha apresentado índices de concentração superiores aos de 1960. Em 1960, 5% da população detinha 28% da renda nacional. Em 1970, em 1970, esses mesmos 5% de ricos detiveram 35% da renda e, em 1976, sua fatia aumentou, indo para 46%.

— O absurdo do sistema tributário brasileiro chega a tal ponto que o empregado arca com os recolhimentos no seu salário, que servem para favorecer sua demissão do emprego, observa Mário Donicci.

— Os recolhimentos feitos

com base no salário do empregado, tais como FGTS, PIS e INPS, são parcelas retiradas de seu salário, que servem para o patrão demití-lo quando quiser. Além disso, é absurdo exigir que o profissional autônomo pague ISS, INPS e Imposto de Renda para exercer a profissão. Outro exemplo é o dos pedágios nas estradas, porque o pagamento dessas taxas está incluído na Taxa Rodoviária Única.

Para Márcio Donicci, o contribuinte brasileiro, ao contrário do contribuinte dos países desenvolvidos, não está acostumado a exigir pelo que paga.

— O contribuinte americano, por exemplo, sabe de

antemão que um funcionário público recebe seu salário às custas dele, contribuinte, e que todo serviço público, se existe, é graças ao pagamento dos tributos feito por ele. Por isso, exige serviço, exige ser bem tratado pelo poder público e seus funcionários, sem autoritarismo e sem arbítrio.

Outro aspecto grave do sistema tributário brasileiro é que o grosso da arrecadação vai para as mãos do poder central, do governo federal, deixando os Estados e municípios carentes de recursos. Com isso, eles não têm como atender às necessidades da população e ficam eternamente dependentes dos favores do governo federal para realizar até investimentos básicos, como os ligados à melhoria do sistema de transportes e construção de casas populares.

Os principais impostos, o de Renda e o IPI são federais, e o ICM que é estadual é distribuído pelo governo da União, diz Luiz Roberto Nascimento e Silva.

A desculpa para essa centralização é que o governo federal teria capacidade de aplicar os recursos arrecadados melhor que os prefeitos, que desperdiçavam dinheiro construindo fontes luminosas. Só que, segundo o economista Carlos Lessa, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, essa alegação é tola:

— O governo federal não se saiu melhor do que os prefeitos, pois também gastou rios de dinheiro em obras inúteis. A ponte Rio-Niterói é de responsabilidade do governo federal e a Transamazônica também. A construção de fontes luminosas pelo menos tinha uma vantagem: criava empregos no interior. O governo federal nem isso conseguiu.

## Município, Estado e União juntos cobram 11 taxas



Veja aqui como a prefeitura, o governo estadual e o governo federal metem a mão no seu bolso, através da arrecadação de taxas e impostos.

### • Imposto de Renda (federal) —

Renda anual até Cr\$ 94.200 — isento  
De Cr\$ 94.201 mil a Cr\$ 133.400 mil — alíquota: 5%  
De Cr\$ 133.401 mil a Cr\$ 174 mil — alíquota: 10%  
De Cr\$ 174.001 mil a Cr\$ 227.600 mil — alíquota: 15%  
De Cr\$ 227.601 mil a Cr\$ 297.200 mil — alíquota: 20%  
De Cr\$ 297.201 mil a Cr\$ 391.500 mil — alíquota: 25%  
De Cr\$ 391.501 mil a Cr\$ 507.500 mil — alíquota: 30%  
De Cr\$ 507.501 mil a Cr\$ 667 mil — alíquota: 35%  
De Cr\$ 667.001 a Cr\$ 870 mil — alíquota: 40%  
De Cr\$ 870.001 mil a Cr\$ 1.377.500 milhões — alíquota: 45%  
De Cr\$ 1.377.501 milhões a Cr\$ 2.030 milhões — alíquota: 50%  
Acima de Cr\$ 2.030 milhões — alíquota: 55%

• **Imposto sobre Produtos Industrializados (federal)** — varia de zero a 365 por cento, dependendo do tipo do produto.

• **Taxa Rodoviária Única (federal)** — varia dependendo do tipo, da potência e do ano do veículo. Para automóvel, o valor mínimo para 1980 é de Cr\$ 1.150 mil, e o máximo, para carro importado, acima de 220 CV (cavalo vapor) é de Cr\$ 146.988 mil. A taxa é anual, paga na

rede bancária, à vista ou até em três parcelas, se o valor for acima de Cr\$ 2.480,20. (Esse valor de referência muda de seis em seis meses). A T.R.U. dá direito ao emplacamento do carro.

• **INPS (federal)** — É descontado 8 por cento sobre o salário do empregado. Para os profissionais autônomos, os valores variam dependendo do tempo de filiação do assegurado ao Instituto:

Valor mínimo: Cr\$ 664.

Mais de 1 ano até 2 anos: Cr\$ 1.122 mil  
Mais de 2 anos até 3 anos: Cr\$ 1.683 mil  
Mais de 3 anos até 5 anos: Cr\$ 2.805 mil  
Mais de 5 anos até 7 anos: Cr\$ 3.928 mil  
Mais de 7 anos até 10 anos: Cr\$ 5.611 mil  
Mais de 10 anos até 15 anos: Cr\$ 6.733 mil  
Mais de 15 anos até 20 anos: Cr\$ 8.416 mil  
Mais de 20 anos até 25 anos: Cr\$ 10.100 mil  
Mais de 25 anos: Cr\$ 11.222 mil

Não existe carência para assistência médica e para auxílio funeral. Há um ano de carência para o auxílio doença e para o auxílio natalidade, e há 5 anos de carência para aposentadoria por idade. O mínimo para aposentadoria por tempo de serviço são 30 anos.

• **Fundo Nacional de Telecomunicações (federal)** — Essa taxa corresponde ao acréscimo de 30 por cento sobre o valor da conta, percentual que também está incluído nas ligações em telefones públicos, através do preço das fichas.

• **Imposto sobre Circulação de Mercadorias (estadual)** — Incide na diferença entre o valor de compra e o valor de venda. Foi criado com a Reforma Tributária de 1967. A alíquota varia dependendo do tipo de operação. Nas internas, nos estados das regiões sul e sudeste é de 15 por cento, e no norte, nordeste e centro-oeste é de 16 por cento. Quando as mercadorias são enviadas do sul e sudeste para o norte, nordeste e centro-oeste, a alíquota é de 10 por cento, e do norte, nordeste e centro-oeste para sul e sudeste é de 11 por cento.

• **Imposto sobre Serviço (municipal)** — Varia de Cr\$ 1.140 mil a Cr\$ 2.280 mil, dependendo da profissão. É pago anualmente, na Secretaria da Fazenda do Município do Rio de Janeiro.

• **Tarifa Básica de Limpeza Urbana (municipal)** — Foi criada em 1975 e cobrada a partir de 1976, depois da fusão, quando deixou de ser uma receita do governo do município, incluída no Imposto Predial e Territorial Urbano. O valor mensal da taxa é calculado multiplicando-se Cr\$

0,5758 pela área quadrada do imóvel. Para se obter o valor anual, multiplica-se esse resultado por 12. Ela representa o pagamento de um serviço executado pela Comlurb, que é a remoção do lixo domiciliar.

• **Taxa de prevenção e extinção de incêndios (municipal)** — Os valores, em Uferj, variam de Cr\$ 228 a Cr\$ 912. São isentos os imóveis residenciais com menos de 50 metros quadrados de área, e os situados a mais de 70 quilômetros das sedes dos municípios onde estejam instalados os sistemas de prevenção e extinção de incêndios.

• **Imposto Predial (municipal)** — É calculado com base no valor venal do imóvel. Os percentuais variam dependendo da característica, ou seja, se é residencial, comercial ou industrial; e dependendo do bairro e da área construída.

• **Imposto Único sobre Energia Elétrica (federal)** — A última atualização, da portaria 065 de 7 de maio de 1980, determina o valor de Cr\$ 1.507 mil por mil quilowatts/hora. Para consumidor residencial é cobrado 50 por cento do valor fixado; para o comercial, 60 por cento; e para o industrial, 16 por cento. Os imóveis industriais que consomem mais de 2 mil quilowatts/hora, por mês, pagam o empréstimo compulsório da Eletrobrás. Para se calcular, multiplica-se o total de quilowatts/hora por 0,48977.

Para os demais casos, multiplica-se a quantidade de quilowatts/hora por: consumidor residencial 0,75350; comercial 0,90420; e industrial 0,24112.

Silvio de Souza

# Balance do ABC

## GOVERNO FALSIFICA ÍNDICE DE SALÁRIOS

O governo está buscando uma estranha solução para "baixar" a inflação e, com isso, dar reajustes mais magros aos trabalhadores. O ministro do Planejamento, Delfim Netto, e o ministro do Trabalho, Murilo Macedo, já acertaram os ponteiros, e decidiram que a inflação não vai ser mais medida pelo Índice Geral de Preços, da Fundação Getúlio Vargas, mas sim pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor (INPC), do IBGE. O detalhe é que todo mês o INPC é inferior ao índice da Fundação.

Assim, a inflação ficará menor num passe de mágica

embora os preços continuem subindo com a mesma velocidade que antes. Além dessa manipulação de índices, Delfim e Murilo Macedo chegaram a sugerir que a política salarial deveria ser modificada pelo Congresso pois é "liberal" demais (embora os salários dos trabalhadores continuem subindo menos que a inflação). Mas a manobra não foi bem sucedida, pois as lideranças do PDS avisaram aos ministros que nem mesmo os parlamentares do partido do governo estavam dispostos a votar em medidas para aumentar o arrocho salarial.

## Oposição de metalúrgicos promete vencer em S.P.

Os metalúrgicos de São Paulo, Osasco e Guarulhos já estão se movimentando para a campanha de renovação do acordo de trabalho com os patrões, em novembro próximo. Além dos patrões, os metalúrgicos terão que enfrentar os pelegos que dominam os sindicatos de São Paulo e Guarulhos.

O pelego Joaquim dos Santos Andrade, o Joaquinzão, já começou a convocar reuniões por fábrica, mas está mais preocupado em meter o pau nos sindicalistas que lhe fazem

oposição, do que em discutir a campanha salarial.

Apesar de suas manobras, Joaquinzão deverá ter sérias dificuldades para controlar os trabalhadores quando a campanha começar, porque a oposição este ano está bem organizada, contando inclusive com associações de trabalhadores em várias regiões de São Paulo. Assim, os metalúrgicos de São Paulo não dependerão mais da boa vontade de Joaquinzão para conseguirem locais em que se reunir.

**A**s empresas do ABC estão roubando dias de férias dos trabalhadores. É o que denuncia um boletim distribuído pela Comissão de Salários e pela diretoria deposta do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo. A desculpa para esse roubo é a greve que a categoria fez em abril/maio.

O negócio é o seguinte: a greve durou 26 dias úteis. Mas as empresas estão contornando os sábados, domingos e feriados como dias de trabalho. Pela lei em vigor, o trabalhador que faltar 26 dias úteis tem direito a 12 dias de férias. Mas pela contagem das empresas, os trabalhadores não estão conseguindo, sequer, um dia de folga.

**A** General Motors, de São Caetano, está usando a rotatividade da mão-de-obra com grande intensidade para assim reduzir salários. Durante maio e junho, 303 trabalhadores foram demitidos da seção MVA e outros contratados, com salários mais baixos, naturalmente.

Além disso, as condições de trabalho nessa multinacional continuam longe de serem boas. Na seção de ferramentaria os banheiros andam uma imundície e não há, sequer, chuveiros para que os operários tomem banho depois do serviço.

## Na Delfos, almoxarife é o médico

A Delfos, de São Caetano do Sul, é uma empresa pequena, mas as sacanagens que faz com seus empregados são grandes. Os operários contratados ficam frequentemente sem registro vários dias, o que pode ser fatal em caso de acidente, pois a empresa tem a chance de alegar que nada tem a ver com caso. E o empregado não tem como provar seu vínculo com a empresa.

Na Delfos não há qualquer tipo de assistência médica, a não ser a dada pelo "Negão do Almoxarifado", que dá primeiros socorros e chega ao absurdo de passar receitas médicas.

Os trabalhadores da Delfos estão sob constante pressão. Há uma ordem da diretoria que os obriga a receber o pagamento em no máximo meia hora. Só que o salário é pago por uma agência bancária, que, nos dias de pagamentos, fica repleta. Mesmo assim, quem se atrasa é descontado no seu salário.

## Greves contra atrasos da Fichet

A Fichet, grande fábrica de estruturas metálicas de Santo André, vem atrasando o pagamento de seus 3 mil funcionários. O problema começou no dia 25 de junho, quando a empresa sempre faz um adiantamento de salário correspondente a 100 horas de trabalho.

Um dos dirigentes da empresa desceu à fábrica e, vendo os operários de braços cruzados, confirmou que o adiantamento só sairia dia 3 de junho. "Pois então ficaremos parados até lá", foi a reação dos empregados. Após seis horas de paralisação, um porta-voz da empresa comunicou que o adiantamento seria pago naquele dia, o que acabou acontecendo.

No dia 12 de julho, novos problemas. O pagamento prometido não saiu e os operários acabaram mesmo recebendo com atraso. Para os operários os problemas da Fichet estão ligados às despesas que a empresa fez com a compra de equipamentos destinados a uma barragem que constrói na Nigéria. Essa compra, que inclui basculantes, motoniveladoras, pás carregadeiras, teria descapitalizado a empresa. Sim, porque encomendas não faltam. Prova disso é que a Fichet funciona 24 horas por dia.

Os leitores pediram reportagens sobre "o lado de dentro das prisões", aí está: o repórter Tim Lopes entrevistou uma ex-presidiária, que não quis se identificar, e a acompanhou nas visitas que ela faz, em sua folga quinzenal, ao companheiro, ainda preso. Ela trabalha agora no jogo de bicho.

# VIDA NA CADEIA

## Depoimento de quem viveu no presídio de mulheres

O táxi pára na rua Frei Caneca, na porta do presídio Milton Dias Moreira. 50 anos, ela é magra, alta e feminina. Traz a marca de um tiro na mão direita e o peito queimado de água quente. Atravessa a rua apressada, num bonito conjunto mostarda, destaque para a túnica ao estilo Mao-Tsé-Tung. Os cabelos ondulados, mechas grisalhas, o rosto pintado com distinção. Bem diferente daquela imagem, de óculos pendurado no pescoço atrás de um balcão de jogo-de-bicho, no centro da cidade. No bicho ela trabalha o dia todo, inclusive sábados e domingos desde que saiu do presídio Talavera Bruce, só de mulheres, onde passou grande parte de sua vida. Foi presa várias vezes por prostituição, desacato a autoridade e uma por tráfico de drogas, quando cumpriu a sua maior pena, quatro anos. O resto, como ela mesma diz, foi "cadeia de recado": tirava seis meses, um ano de cana e saía fora. Folga de quinze em quinze dias e ocupa esse dia para visitar o parceiro na cadeia, amigo de fé, há 20 anos preso. Ele foi condenado por homicídio e outras broncas.

A revista é rigorosa. As mulheres na fila com bolsas, pacotes, maços de cigarros nas mãos, biscoito e as crianças. O soldado armado de metralhadora na porta. Vão entrando pequenos grupos que recebem um cartão com o nome e o número do preso. Esse cartão será entregue ao preso no seu cubículo por um interno que auxilia na administração. Ao descer das galerias, o cartão fica com o guarda de plantão. Sou mandado entrar num pequeno compartimento e o guarda me apalpa de cima a baixo. Antes de entrar no pátio, onde os presos esperam a visita, outro policial dá um cartão para os que estão visitando pela primeira vez o presídio. Um aviso em tom ameaçador:

— Não me perca esse cartão se não você fica aí guardado.

Ela conhece de tudo um pouco. A liberdade e a

prisão. Perdeu a mãe quando mal tinha entrado nos três anos de idade, foi internada num colégio na zona norte. Mas antes foi criada por uma família que a mandou para o instituto Oscar Klark, que recebia filhos de tuberculosos.

— Eu via uns lençóis sujos de sangue e diziam prá mim que era aborto. Eu nem sabia o que era isso, era pequena. Na minha primeira menstruação eu tava numa roda com as meninas e falei que tinha abortado. Outra vez eu falei a mesma coisa e todo mundo saiu de perto. Não é que a diretora me expulsou sem ao menos pedir para eu ser examinada! Me mandou direto para o SAM (Serviço de Assistência ao Menor). Foi a minha maior tristeza; aquele colégio era tudo prá mim e até hoje guardo recordações. Fiquei maluca, prá mim o dia virou noite.

No pátio as crianças brincam no playground, os presos estão com as suas melhores roupas, alguns passam de um lado para o outro. Com direito a visitas íntimas, os outros com certeza estão nos seus cubículos. Em volta do pátio, a cantina, os bancos e as mesas de cimento; nas paredes estão desenhados escudos do Vasco da Gama e do Flamengo e as samambaias viçosas crescem nos cantos das grades de ferro por causa da umidade. As paredes descascadas, goiteiras, ladrilhos soltando do chão. O som de um alto falante com um ruído irritante chama pela guarda. Ela olha com ternura para o seu parceiro, brinca, dá um soquinho no rosto dele como gesto de carinho. Em cima da toalha de matéria plástica florida, mamão, biscoito, latas de conserva e a garrafa térmica de café. Ela conta a sua entrada no antigo SAM, enquanto toma um gole de café.

— Ih, foi um choque. O colégio era dirigido por freiras e nós sempre andávamos vestidas, de camisola, sem falar nome feio. Quando cheguei lá só via meninas de combinação, de calcinhas, coisa que eu

nunca tinha visto. Eramos três donzelas, a Dulcinéia, a Analgiza e eu. Antes de entrarmos lá foi feito exame ginecológico. Mas eu era levada mesmo, consegui logo um namoradinho que era da cozinha. Eu era bonita, esperta. Não falo mal do SAM porque matou muito a minha fome. Mas todos os vícios eu aprendi lá.

E o namorado?

— Deu até briga. O cara começou a me flertar. Gostei. Aí apareceu a Paulista Branca que tirava uma de xerife da área. Começou a pegar os bilhetes que eu recebia e lia alto prá todo mundo, aquilo ia me torturando. Era muita humilhação. Ela dizia: "o homem vai ser meu, e tal e coisa." Eu não agüentava tanta provocação. Pedi pro cara me passar uma faca. Um dia, no jantar, o cara deu sinal que havia uma faca dentro do tacho de feijão quente e eu maloquei a faca dentro do sutiã. Esperei a primeira oportunidade, encarei a Paulista Branca, na época o terror do SAM. Eu não sabia que prá matar uma pessoa tem é que furar mesmo. Eu achava que tinha que rasgar. Cortei a mulher de cima a baixo e as tripas saíram. A mulher tomou medo de mim e ficou desmoralizada. Eu tinha 12 anos.

E a primeira cadeia de verdade?

— Cedo comecei a me virar na rua. Já bebia muito. Eu tinha 21 anos, fazia ponto na Praça Mauá e fui beber umas cachaças na Lapa quando apareceu a polícia. Naquele tempo o camburão

era preto e vermelho. Os homens vieram tirar satisfação; não deu outra: enchi os tiras de pedradas. Fui presa por desacato a autoridade. Naquele tempo, as prostitutas eram muito perseguidas, qualquer coisa a polícia vinha em cima, metia em cana e dava porrada. A gente tava aqui tava ali, você sabe, puta mora andando. Não esqueço

de um delegado chamado Bonilo Dulcílio que perseguiu mulheres. Ele era do 7.º distrito. Um dia apareceu no jornal que ele havia se matado com um tiro no ouvido. Descobriu que a mulher o traía. Ficou tomando conta do nosso rabo e esqueceu de olhar o da mulher dele. Foi um dos dias mais felizes da minha vida.





A ex-detenta durante o depoimento e, depois, saindo da redação



O relato dela é interrompido quando chega um rapaz de cabelos carapinha e olhos verdes. Novo de cadeia, o rapaz tinha vacilado e estava pedindo desculpas ao companheiro da ex-presidiária, que responde:

— Prejuízo pouco é lucro, meu irmão.

De radinho de pilha, relógio no pulso, perfumados, os que não recebem visitas ficam andando de um lado para o outro olhando de soslaio os que vêm da rua, meio desconfiados, mas ansiosos para iniciar uma conversa, um contato que lhes traga algum conforto. No refeitório alguns casais trocam carícias, namoram. De repente, o grito desesperado de uma menina de uns cinco anos chama a atenção. Mas muitos fingem que não estão vendo a briga de duas mulheres, uma jogando a bolsa na outra.

O ex-sargento Augusto, condenado por várias mortes, dá uma gravata numa das mulheres, a menina sai gritando, chamando pela mãe. Diz um presidiário:

— Ele é do Esquadrão da Morte, um safadão, canalha. Foi expulso do exército. Se a briga fosse com outro interno, as mulheres já tinham ido para fora e o cara para o cubículo. Mas ele é da turma do Vianinha, do Oto, do Saulo, tudo polícia.

Quando os guardas aparecem já está tudo calmo. Uma das mulheres foi embora. A outra ficou sentada no banco.

— Se eu fosse a mulher dele, dava com a bolsa na cara dele. Ele é safado. Sabe

que a mulher (que levou a gravata) vem sempre aqui porque ele marca com a outra.

Ajeitando o cabelo, sem esconder a vaidade de ter sido uma mulher disputada e ainda em plena forma, como faz questão de frisar, ela fala do amor na cadeia:

— A cadeia é uma fábrica de amor, um depósito de sofrimento. Um mundinho. Aqui é o amor da necessidade. Eu já tive presa e sei o que é isso. Eu visito esse meu camarada há mais de seis anos e não tiro parlatório (onde a relação sexual é permitida) com ele. Antigamente a gente ainda ia pro cubículo, mas brigava tanto que, quando a visita acabava, a gente só tinha dado umazinha. Eu me sinto bem dando essa cobertura prá ele, levando uns cigarros e ele parece até que já gosta da cadeia, tá familiarizado. Me jura amor, mas não acredito. Eu não amo ele, gosto dele, você entende? Tenho pena. E já disse prá ele que quando sair pode ir à luta procurar mulher, arranjar uma cocotinha. Não vou ser eu que vou tirar o recalque dele, não. Eu já disse, se ele sair e tiver um homem na minha casa, eu vou arranjar um canto pra ele ficar. Se eu tiver sozinha, ele dorme comigo.

Cabelos brancos, bem penteados, 47 anos, forte, com cicatrizes de estocadas e tiros, o companheiro dela é muito respeitado no presídio. Corajoso, não foge do pau. Ela conta que uma vez numa briga ele levou uma estocada e correu atrás do outro interno até enterrar o punhal nele:

— Esse homem tomou um medo tão grande, que quando me via saía correndo e se jogava no chão segurando as pernas do primeiro guarda que encontrava.

São quase cinco horas da tarde. A sirene toca. A visita acabou. Os presos vão saindo, acompanhados das mulheres e dos filhos. No espaço entre as galerias e a porta de ferro que dá para o corredor de saída, abraços e beijos apaixonados marcam a despedida. Ela se despede do companheiro prometendo voltar daqui a 15 dias. Afinal, a amizade deles tem mais de 30 anos, quando se cruzaram pela primeira vez na praça Mauá.

Na rua Frei Caneca, em frente ao presídio, a maioria das visitas está parada no portão, sem sair do lugar. Do outro lado da rua uma mulher gorda, de blusa preta com bolinhas brancas espera a outra, morena, magra, bem mais nova, preferida do ex-sargento Augusto. De blusa amarela, calça de brim, a morena sai em direção à mulher gorda, que mete a mão na bolsa e tira uma garrafa de Coca Cola. As mulheres se embolam no chão, a menina fica berrando. O pessoal que acabou de sair da visita incentiva a briga, os guardas ficam assistindo, sem chegar perto. A mulher mais magra, descabelada, sangrando pelo nariz, sai correndo e pega um táxi. A outra sai vitoriosa, carregando a filha que soluça. A ex-presidiária comentá:

— No meu tempo era a navalha. Eu sempre fui boa na navalha. Nunca ninguém me tirou uma da mão.

## MULHER ACUSA A POLÍCIA POLÍTICA

# Desaparecido o funcionário da Transbrasil



Silvio e Ana na festa de casamento

Reprodução de Eliana Pastore

## Ele sabia de contrabando feito através da empresa

Ana Maria Lacerda está denunciando, há dois anos, o desaparecimento do seu marido, Silvio Bonano Marques, operador de computadores da companhia aérea Transbrasil, no aeroporto de Congonhas, na capital de São Paulo.

Para Ana, o que houve foi um seqüestro planejado pela própria Transbrasil, em acordo com o Departamento de Ordem Política e Social (Deops), a polícia política do Estado, porque Silvio havia denunciado, em conversas com amigos, que eram feitos contrabandos através da empresa. Ana não sabe se tais contrabandos eram feitos em convívio com a direção da Transbrasil, ou se um grupo — talvez de policiais — utilizava funcionários e aviões para embarcar as mercadorias.



Silvio desapareceu no dia 8 de setembro de 1978 na Cidade Ocian, Praia Grande (Santos), quando jogava bola com alguns amigos e familiares. Ele sumiu quando sua mulher Ana Maria e sua irmã Cecília entraram na água para um mergulho. A mãe de Ana Maria disse ter visto Silvio num carro, junto a uma pessoa que o obrigava a abaixar-se, apontando para o apartamento onde estavam hospedados. A noite ela foi à delegacia de Praia Grande para dar queixa. Depois, foi ao necrotério, aos hospitais, penitenciárias — tudo em vão.

Um irmão de Silvio procurou o velho escrivão de polícia, Milton Braga, e pediu sua ajuda nas investigações. Ele garantiu à família de Silvio que podia "ficar tranquila, pois o Silvio será solto amanhã e voltará para casa".

No dia seguinte mudou de conversa, e até aconselhou os familiares a não pensarem em vingança, e que não comentassem nada com ninguém. O zelador do prédio onde a família de Silvio ficava hospedada revelou que o edifício estava totalmente cercado por policiais, e que melhor seria que Ana Maria voltasse para São Paulo. Mas ela ficou em Santos.

Ana Maria foi procurada por um amigo de Silvio, de nome Laercio, também funcionário da Transbrasil, que lhe disse que o Deops de São Paulo havia localizado Silvio "muito machucado" num hospital de Santos.

Ioli Luzia Gomes, a chefe de Silvio na empresa, também garantiu essa versão, mas pediu para que ela não tomasse nenhuma providência, pois a Transbrasil cuidaria do caso.

Na Transbrasil, Ana Maria foi atendida por um "tal Dr. Aldo", advogado da empresa, que foi com ela a Santos. O delegado disse para ela que seu marido não estava morto, mas certamente "aproveitando a vida", e que dentro de três meses apareceria.

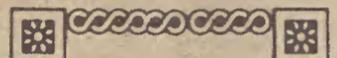
Ana Maria procurou a Ordem dos Advogados do Brasil-OAB-SP, a Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa de SP e a Comissão de Justiça e Paz, que mandou ofício ao falecido ministro da Justiça Petrônio Portela, em 1979, sem que tivesse obtido resposta do órgão até agora.

Para ela o desaparecimento do marido tem somente uma explicação:

— Ele contava que se fazia contrabando na Transbrasil; não sei quem, nem como era feito esse contrabando. Mas o Silvio me dizia que existem outros funcionários que também estão desaparecidos. Entre eles há, inclusive, um piloto.

A vida dos ricos com inflação de 100%

# Milionários em crise



Edevaldo Alves da Silva é um dos novos ricos de São Paulo. Discreto, não dá entrevista nem deixa fotografar sua casa, pra ninguém saber que no meio da sala tem uma cachoeira natural. Dono da rádio Capital, das Faculdades Metropolitanas Unidas e de um escritório de advocacia, não se abala com a inflação: come faisão e lagosta. Paulo Egydio, Maria Pia Matarazzo e Chiquinho Scarpa também não se assustam.



Texto de  
Jamilé  
Fadul



- Vestidos de ouro
- Sabonete importado
- Gorjetas de Cr\$5 mil
- Cinemas em casa

A primeira-dama — que adora jogar gamão — numa recepção elegante da sociedade paulista.

**De dentro do bolo, sai uma mulher nua**

Chiquinho Scarpa, numa festa, pegou a Bruna Lombardi (há quatro anos) enfiou numa caixa e deu de presente para um amigo dele. Eles alugam as meninas — do "Planeta dos Homens", das novelas de tv, como Sonia Braga —, põem numa caixa e dão de presente numa festa de despedida de solteiro. Ou senão colocam elas no meio de um bolo de papelão, de onde saem nuas, dançando. Ganham fortunas pra fazer isso. Coisa de Cr\$ 800 mil. O Chiquinho tem muito disso.

As vezes, o Chiquinho pega a mulher põe no meio de três, quatro homens: todos eles transam com ela. As vezes, até duas, três mulheres.

Os executivos transam com mulheres contratadas por hotéis de luxo. O gerente tem um catálogo, o freguês pode escolher a cor da pele, dos olhos. Telefona, a mulher vai. Conheço diversas dessas mulheres. A Bianca, lindíssima, deve ganhar uns Cr\$ 40 mil por dia. Pagam tudo pra ela; ganha apartamentos, investe.

**Cachoeira natural na sala de visitas**

Na casa de Edevaldo Alves da Silva, uma das mais bonitas do Morumbi, tem uma cachoeira natural na sala — um monstro — cercada de vegetação; dá impressão que você está ao ar livre. A casa é um desbunde, é coisa de louco. Tinha um heliporto, agora não tem mais. Tem quadra de tênis, três piscinas, 24 suítes. É maior que a do Paulo Egydio Martins, ex-governador. A do Paulo Egydio tem seis mil metros de área construída; a do Edevaldo dá uns oito mil. Os sofás são todos de seda clara. No meio da sala, um cavalo em tamanho natural, em cobre. Mil objetos, cristais bico-de-jaca que nem existem mais.

A casa do Oscar Klabin Segall — um dos donos de todo o papel-imprensa do país — também é muito bonita. Tem quinze empregados. Tem muitos tapetes persas. Imensos, de metros e metros a perder de vista. Duas lareiras. Cachorro — tem um empregado que só cuida do cachorro. Dois ou três guardas vigiam a casa. Oscar tem milhões de terrenos. É um dos maiores donos de terra em São Paulo. Apartamentos de aluguel; casas no Morumbi, as tem a perder de vista.



Klabin tem 15 empregados em casa

Nas casas dessas pessoas os lençóis são todos gravados, bordados. Quando dorme alguém lá, eles mandam gravar na hora. Na casa da Maria Pia Matarazzo — herdeira da fortuna — os guardanapos dos convidados são gravados com seus nomes. Antes do almoço, na casa de Maria Pia, há um banho de piscina, de onde os convidados saem para vestir roupões oferecidos pela anfitriã: amarelos para os homens, brancos para as mulheres.

Chiquinho Scarpa (cervejaria Caracu) usa em casa talheres (só) folheados a ouro. Os guardanapos são todos de linho. Todos os carros têm as iniciais do nome dele e o brasão da família.

Compras de comida nessas casas é feita por atacado. Compra-se para um mês, dois, guarda-se em enormes dispensas, congeladores. Come-se: faisão, lagosta, pato, caviar, sardinhas importadas, até as torradas do café da manhã são estrangeiras.

Casas como a de Edevaldo têm até cinema, projeção 35mm. Ele aluga filmes que passam nos cinemas e os vê em casa.

Foto João Bittar

**Maluf ganhou iate de 2 bi e meio**

O último presente que Edevaldo Alves da Silva deu a Paulo Maluf foi uma lancha no valor de dois bi e meio, quase um iate. Pro Hélio Ribeiro (diretor da rádio Capital) ele deu, no ano passado, um Mercedes e uma casa.

O Di Genio (dono do curso Objetivo) também dá presentes desse tipo. Quando aniversária a mulher de um general amigo dele; às vezes ele nem a conhece; dá um carro do tipo Passat, ou Alfa.

Prá uma menina que Edevaldo chama de "afilhada" — filha de um casal amigo dele e da mulher — deu um dos maiores anéis de brilhantes de São Paulo, porque a menina está desenganada.

No Natal passado, Edevaldo deu pra todas as secretárias dele um relógio Rolex de ouro e, para o pessoal da rádio Capital, deu um rádio-gravador que deve custar uns Cr\$ 35 mil.

No aniversário do cabeleireiro Carlucho, a Maria Pia Matarazzo deu de presente pra ele uma Honda 750 e um tapete persa de sete metros.

**Diversão é amassar carros parados**

Vários Mercedes podem ser encontrados na garagem de Edevaldo e de outros de seu status. Inclusive as crianças têm seu carro, com chofer — eles são uma verdadeira paixão dos milionários. E também as placas do carro. Dá pra conhecer o milionário pela placa do carro: 1111, 2222. Outros pagam o que for pra conseguir uma placa com as iniciais deles, ou deles e de suas mulheres.

A loja de automóveis preferida é a Dacon, nos Jardins (SP). São carros de 700 mil. Às vezes, quando vão pra oficina, o mecânico cobra Cr\$150 mil. Um carro na moda é o Galaxie, custa Cr\$ 800 mil. Os executivos usam de preferência o Landau.

Em Ribeirão Preto, onde as pessoas são muito mais ricas que em São Paulo, um filho de uma dessas famílias, gordo, imenso, tinha uma brincadeira que era assim: ele amassava qualquer carro estacionado, sentando com seu peso no capô e, quando o dono chegava, rindo, ele assinava um cheque, falando: eu pago, eu pago...



Foto Wagner Avancini

Bruna já foi presente



Edevaldo ao lado de Paulinho, filho de Figueiredo

**Avião de amantes no 'week-end' carioca**

As mulheres geralmente tomam aula de idiomas em casa. São caríssimas: Cr\$ 2 mil por hora. Elas, quando não podem ir ao cabeleireiro, mandam vir em casa. Os cabeleireiros cobram uma exorbitância. No Carlucho — o cabeleireiro do salão Colonial, o mais badalado —, pra lavar a cabeça e passar uma escova, sai Cr\$ 2.500. Pra cortar uma franja é Cr\$ 500. Cortar o cabelo, Cr\$ 1.500.

Se o cabeleireiro vai em casa, a despesa sobe pra Cr\$ 8 mil, Cr\$ 10 mil, com a gorjeta, Cr\$ 15 mil. Algumas mulheres dão até Cr\$ 12 mil de gorjeta.

Elas apenas supervisionam o funcionamento da casa, têm uma equipe de empregados. Não deixam que falem flores — as floriculturas fornecem todo dia — nem o estoque de faisões, adquiridos em chácaras especiais.

Elas tomam aula de etiqueta, para se comportar em público. Sabem até como escolher o lugar adequado para sentar em mesa de restaurante. Escolhem à luz sob a qual vão sentar, de maneira que suas rugas não apareçam muito.

Geralmente, elas têm seu próprio carro, com chofer. Mercedes, Landau, Passat. Vão às joalherias, fazem compras de 2 bilhões.

Praticam esportes diferentes, como o gamão. Duas adversárias que se enfrentam constantemente são Maria Helena Curi e a primeira-dama, Dulce Figueiredo.

As solteiras recebem muitos convites para viagens. O milionário solteiro pega um grupo de meninas, põe no seu avião e leva pro Rio. Hospeda todas no Hotel Regente, em Copacabana, e ainda paga todas as suas compras em butiques cariocas. Antonio Carlos do Prado é um que já fez muito disso.

Os vestidos são caríssimos. Uma vez, Maria Lucia Saas Calfat foi a uma festa com um vestido todo bordado a ouro.

**1 bi e 200 na festa e 50 mil no bar**

Edevaldo é um dos maiores fregueses do restaurante Paddock. Por noite a conta sai Cr\$ 40 mil, Cr\$50 mil. Ele não bebe, mas vai chegando gente, bebendo, e ele paga tudo. A gorjeta menor pro garçon é mil cruzeiros. É também cliente do bar-restaurant Gallery. A maior festa no Gallery, no ano passado, foi ele que deu: custou um bi e duzentos. Quando seus filhos fazem aniversário ele fecha o Gallery pra festa dos meninos. (Além disso, em casa mesmo eles têm

uma "boatezinha" só deles.) Nos restaurantes caros, como o Le Tambouille — frequentado por Paulo Maluf — uma dose de uísque sai por Cr\$ 500. No Paddock, um suco de melão custa Cr\$ 120. Os preços de vinhos do Le Tambouille começam em Cr\$ 7 mil e vão até Cr\$ 16 mil.

Nas festas, os convites são todos nominais. Se a pessoa não vai, tem que avisar antes, pois os lugares são todos marcados. Muita gente, já pagou milhões pra comprar o convite de alguém.

Na festa, todos perguntam onde você mora e você tem que dizer que é numa casa de 15 bi, senão é mixo. Quem não é convidado para as festas diz depois que não foi porque estava doente ou tinha viajado pra Europa. As conversas são sempre as mesmas:

- Sabe que minha casa no Marrocos...
- Ah, meu cavalo perdeu a corrida ontem...
- O meu vison...

**Antes de viajar, dedetiza a ilha**

Essa gente não usa nada nacional. As roupas, óculos, lenços, perfumes, sabonetes, tudo é importado. Eles viajam muito à Europa. O Edevaldo vai quatro, cinco vezes por ano. Ele vai de Concorde: leva quatro horas e custa Cr\$ 125 mil; por jato normal é Cr\$ 60 mil. Quando ele tinha avião — teve dois, um de oito lugares, outro de 16 — ia passar fins-de-semana no México. Os filhos e a mulher também só usam roupas importadas. No inverno, vai-se para a Suíça. Outros, vão à Europa jogar gamão, como o médico Geraldo Medeiros, o preferido do high-society paulista. (Atualmente, ele está lá.)

Viagens pelo Brasil; esse pessoal tem casa em Búzios, Ilha Bela. O Paulo Egydio tem uma ilha em Ubatuba. Quando ele vai pra lá, primeiro manda helicópteros pra dedetizar a ilha. Perto dali, em São Sebastião, os Fuada têm uma praia particular de 25 mil metros quadrados.

**Pagam diárias de Cr\$25 mil a ministros**

Quando vêm pra São Paulo, Figueiredo e os ministros são convidados pra jantar na casa do Edevaldo. Mas não dormem lá. Ele aluga uma suíte no Maksoud Park ou no Ceasar Park. O Flavio Cavalcanti, o Abi-Ackel — esse pessoal. Sai Cr\$25 mil a diária. Põe um carro com chofer à disposição. Ele nem sabe quantos carros tem.

O Edevaldo e o Maluf são muito amigos. Às vezes o Maluf vai tocar piano na Casa da Manchete para poucos convidados e o Edevaldo vai. O Figueiredo liga pro Edevaldo. Nei Braga idem. Quando veio o presidente do Banco Mundial, o Robert MacNamara, onde ele ficou? Na casa do Edevaldo. E quem ficou o tempo todo com ele? Foi Edevaldo. Alugou até um jatinho da Líder pra levar o MacNamara pra todo lugar. Inclusive ficou bravo porque saiu muito caro. Ele levou o MacNamara pro Palácio do Planalto. Lá pro Figueiredo e depois voltou com ele aos Estados Unidos.

No ABC:

# Mataram o filho bastardo do Matarazzo

Baronesa é suspeita



Foto Valdenir Benedetti

Os executores do crime na prisão.

Um caso policial abala a cidade de Santo André, a mais populosa do ABC paulista: o engenheiro Francesco Restivo, executivo da Rhodia, e filho bastardo de Cicilo Matarazzo, foi assassinado no dia quatro de julho, em sua casa, com pancadas de barra de ferro na cabeça, e tiros, num lance ainda não esclarecido, mas envolvendo a sua mulher, a americana e baronesa Marianne Mischutin, Marcos Aurélio Simões Tolesano e Dagoberto Garcia, além da mulher de Marcos, Fátima, ao que tudo indica, o pivô de toda a história.

Duas versões, por enquanto, dominam a elucidação do crime: 1ª, Marcos e Dagoberto teriam a promessa de Marianne de receberem 200 mil cruzeiros para liquidarem o marido; 2ª, Marcos e Dagoberto teriam matado Restivo após uma conversa, onde o primeiro exigia satisfação das críticas dirigidas pelo engenheiro à sua mulher, Fátima. E a reação acabou resultando na morte de Restivo.

O certo é que por detrás de tudo isso está um emaranhado de casos. Pela sua função, Restivo viajava constantemente para a Europa, liberando Marianne, de 32 anos, com quem estava casado há mais de doze anos.

Marianne, por sua vez, era amiga de Fátima, e, ao que se diz na cidade, mantinham relações sexuais, tendo inclusive sido apanhadas no banheiro da boate Turim, e expulsas por sua proprietária. É certo que o engenheiro não gostava de Fátima, chegando até mesmo a expulsá-la de sua casa, uma mansão da Rhodia localizada na avenida Dom Pedro, num local dos mais sofisticados da cidade.

O que se revelou, é que na

véspera do crime, Restivo participou de uma reunião que foi até altas horas da madrugada, enquanto Marianne, com seu conhecimento, foi jantar na casa de Fátima, onde deveria dormir. Numa determinada hora, Marcos e Dagoberto, também presentes, deixaram a casa e se dirigiram para a mansão de Restivo, e quando este chegou, por volta das três horas, deu-se a discussão e o crime. O barulho, no entanto, chamou a atenção dos funcionários de um motel, vizinho à mansão, e a polícia acabou detendo os dois em flagrante.

Mariane ficou sabendo do crime uma hora depois, quando a polícia foi até a casa de Fátima avisar.

Marcos e Dagoberto, presos na Cadeia de Santo André, "preferem deixar esfriar a cabeça" para falarem sobre o caso, deixando claro, inclusive para o juiz, que apanharam para fazer a confissão envolvendo Marianne. Já a americana, presa em Ribeirão Pires (município próximo a Santo André) para falar à imprensa exige a presença de seu advogado, Décio Francisco Pereira, que por sua vez não está interessado em que o cliente fale.

Para o advogado Décio, Marianne é uma mulher de bem, que tinha uma "amizade distante" com Fátima, que conhecia há apenas quatro meses e que "essa conversa de lésbica não passa de uma mentira inventada pela imprensa local, interessada em sensacionalismo". Mas é verdade que no mandado de prisão de Marianne, expedido durante o inquérito policial, a americana aparece como autora intelectual do assassinato do marido.

Silvio de Souza

**Em São Paulo, operários desempregados, emigrantes sem ocupação e moças que querem ser atrizes são enganados por firmas clandestinas que, através de anúncios, prometem o estrelato, salários de até Cr\$ 45 mil e contrato na hora. Na verdade, os candidatos pagam um "curso de artista" que às vezes dura 1 ano e, no fim, são poucos**

**os que conseguem um bico mal remunerado numa novela. Nossa repórter visitou 4 agências — nenhuma delas registrada na Junta Comercial —, foi convidada, para o tal curso e para participar da comédia *Chapeuzinho Vermelho*; descobriu que essas empresas, como disse um dos entrevistados, são verdadeiras...**

# FÁBRICAS DE PROSTITUIÇÃO

"Você posaria nua"? — pergunta a moça que atende numa dessas agências, na rua Santa Ifigênia n.º 176, 2.º andar. Ante a resposta negativa ela continua: "Não tem importância. Aqui só posa nua quem quer, quem é mulher, porque moça eu não acredito que fique nua, não. Às vezes elas dizem que são moças, mas eu não acredito".

O ambiente é sinistro, sufocante. A iluminação é de luz negra. Moças de vestidos longos e decotados atravessam a sala. São funcionárias da agência. Tento puxar conversa com o rapaz que está sentado à minha frente. Ele espera a namorada que está conversando lá dentro. Ela sai e sou chamada.

A produtora oferece vagas em filmes de bang-bang, mas para isso o candidato tem que fazer um curso de 6 meses. É o que diz a recepcionista. "Você paga Cr\$ 1.000,00 de inscrição e Cr\$ 800,00 por mês. Tem também as fotografias que custam mais Cr\$ 600,00. Se você se sair bem a gente manda as fotos para a TV Bandeirantes e você pode trabalhar em propagandas". Além disso, ela me pergunta se posso viajar nos fins de semana para filmagens. Digo que sim, desde que me deixem levar um acompanhante. "Não, acompanhante não pode. Atrapalha as filmagens".

Entra então um rapaz na sala — o Martins — que parece ser o diretor da agência. Ele me encoraja: "Acho que você deve fazer o teste. Você tem jeito para artista e nós estamos precisando de moças como você para o filme *Chapeuzinho Vermelho*".

O Actor Studios é a mais tradicional e bem montada firma do ramo em São Paulo. Seu anúncio aparece todo dia nos classificados do *Diário Popular*: Estamos filmando 300 pessoas, qualquer idade, para participação imediata no cinema e na TV. Teste e contrato na hora. Comparecer urgente na Av. Prestes Maia, 241, 25.º andar". Atraída por essa promessa uma multidão aglomera-se, logo pela manhã, na sala 2.518 do Palácio Zarzur e Kogan, onde existem, pelo menos, três outros escritórios do gênero.

Uma secretária alta e loura fica na recepção e conta a



história de sua rápida e gloriosa carreira de estrela de filmes pornô. "Foi tudo muito fácil. Como vocês, eu também li o anúncio no jornal" — diz para os que estão esperando chamada para a entrevista particular. "Naquela época eu estava desempregada e resolvi fazer o teste. O diretor olhou para mim, pediu que eu falasse alguma coisa e logo firmamos o contrato. Agora sou figurante de todos os filmes da Actor e, nas horas vagas, sirvo de recepcionista. Tudo é questão de sorte".

Mas, para João Alberto, que já correu diversas agências, a coisa não é tão fácil assim. "Vou continuar tentando, mas sei que o que eles querem mesmo é dinheiro. Numa firma, tive que pagar 600 cruzeiros para fazer o teste. Eles até tiram sua fotografia e você leva para casa, mas ninguém chega a passar no teste. O primeiro teste que eu fiz foi lá na rua Santa Ifigênia. Eu tinha que beijar uma menina toda pebrebenta e apertar as tetinhas dela. O sujeito não precisa ser bonito para entrar no cinema. Basta ter um pau grande e que funcione na hora certa. Para mim tudo bem, eu como todas as minas e até a mulher do diretor, se ele pedir. Mas se fosse com aquela menina — a recepcionista — seria bem melhor".

João Alberto é de Itú. "onde as coisas são realmente grandes", e já está há 3 meses em São Paulo. Desempregado, mora com a tia em Osasco e bate perna todo dia, procurando

do um modo fácil de ganhar dinheiro. "Meu sonho é fazer cinema — diz João — mas faço qualquer coisa para voltar para casa com os bolsos cheios de grana".

Dificuldades está encontrando, também, Antonio Francisco, um pernambucano tímido e franzino, que está em São Paulo há um ano e quatro meses. "Trabalhei na Bozano como auxiliar de expedição, mas fui despedido". Desempregado há quatro meses e vendo os anúncios tentadores sobre ganhos fabulosos como ator, resolveu "tentar a carreira artística".

Primeiro foi a Antron Filmes. Depois procurou a Dani Filmes. "Eu vim aqui há uns 10 dias. Eles disseram que tinha um teste e que se eu passasse ia ser contratado. Paguei Cr\$ 500,00 de taxa. Eles disseram que eu tinha que ser mais agressivo no papel e que tinha dado as costas para a câmera. Mas isso aconteceu uma vez só". Ele mostra as fotos e chama atenção para uma em que aparece meio de lado, meio de costas. "Foi a fotógrafa que passou por trás de mim", diz Antônio ressentido.

"Eles disseram, então, que eu podia fazer um curso de 6 meses pagando Cr\$ 600,00 por mês pra me desenvolver, pra ter mais condições". Antônio está de volta à Dani Filmes para ver se consegue nova chance, pois não tem dinheiro para pagar o curso. "Só se eu arrumar um emprego, daí vou poder pagar".

Para Antonio Martins Filho, gerente da Cinedistre, pro-

## Cinema e Filmes

P TV, estamos precisando de pessoas ambos os sexos e ou s prática p filmar fora da Capital, ganho .. 15.000 a 32.000, e todas despesas pagas. Av. Rangel Pestana, 2419, próx. Largo da Concórdia, das 8 às 18 horas. 23

## CINEMA

FILME FAROESTE

soas ambos os sexos e ou s prática p' filmar fora da Capital, ganho 16.000 à .. 28.000, e todas despesas pagas. R. Conde de Sarzedas, 67, 2.o, s 2. Pça. João Mendes. 8 às 18 horas.

## Filme - Bang-Bang

URGENTE

Pessoas de ambos os sexos e ou s prática. Sal. de 18 a 25 mil livre de todas as despesas. Rua Carneiro Leão, 39 - Brás. trav. Rangel Pestana, das 8 às 19 horas. 21

## TV & Comerciais

Moças, rapazes qualquer idade e crianças p trab. novelas, filmes p cinema, comerciais p TV, não exigimos prática boa oportunidade inclusive p manequins p feiras e desfiles. - Tr. Av. Prestes Maia, 241, 25.o and., s 2518 - Centro



LEI" viagem p Interior e despesas pagas. Contrato de Cr\$ 5-10-20 a 100 mil. R. Brig. Tobias, 110, 11.o, s 1.102 - Pça. Correio, das 9 às 19 hs. Direto c| a Produtora. 22

O pernambucano Antonio Francisco não passou nos testes (diálogo com a mulher e cena de crime) e foi convidado para o "curso", pagando Cr\$ 600 por 6 meses.

dução e distribuidora de filmes nacionais, nem todas as agências vivem de aplicar golpes. "Existem algumas agências que não sérias, que não iludem o candidato. São devidamente registradas. Nós pagamos cachês a essas agências sérias, que pagam os figurantes. Quando nós precisamos de figurantes, trabalhamos com a Tobias Foto, Cine, Som Limitada. Essas são agências sérias".

Para Antonio Martins as agências picaretas, "são verdadeiras fábricas de prostitutas. Esses camaradas sabidos levam meninas ingênuas à prostituição. Fazem testes com elas, de fotografia ou de filme, muitas vezes sem filme na máquina. As meninas ficam despidas ali, iludidas com as promessas de sucesso, vão freqüentando esses lugares e daí partem pra perdição.

Provavelmente por esses e outros motivos é que os donos das agências não gostam muito de falar sobre suas atividades. Daniel Silva, da Dani Filmes, fica surpreso quando é procurado pelo repórter: "Eu não dou entrevistas. Posso pensar, talvez, daqui a uns 30 dias." Mas acaba revelando alguma coisa. Daniel Silva ("nome artístico", diz ele) já foi ator, tendo trabalhado em "A Vingança de Chico Mineiro", "Tráfego de Fêmeas", "Mu-

lheres Violentadas" e "Ninguém Segura Essas Mulheres" (produzido por Sílvio Santos). Aponta os cartazes desses filmes, pregados nas paredes da sala. "Sempre fiz papel de bandido", observa.

Além da agência, Daniel tem um grupo de teatro, com um estúdio na Rua Rangel Pestana (SP), onde dá um curso cuja mensalidade, segundo ele, é de Cr\$ 500,00. "Eu dou teoria e prática. Não sou como muitas pessoas que exploram o indivíduo, cobrando às vezes Cr\$ 1.000,00. Aí a pessoa fica um ano nesses cursos e sai sem saber nada. Vai procurar uma produtora e não consegue nada".

Sempre muito desconfiado com a reportagem ("qual a intenção de vocês?"), ele volta a dizer que não engana as pessoas. Mas acaba se traíndo, quando fala a respeito do curso de teatro. "Tem gente que não tem jeito para artista. Mas a gente não pode chegar e dizer que ele não tem jeito. É como o médico que não pode desenganar um paciente que tem uma doença grave". O jeito, portanto, é ir enrolando o candidato e tirar dinheiro dele.

Reportagem de Gleise Castro e Hélio Belik.  
Fotos de Wagner Avancini

**COPACABANA  
PALACE,  
OTHON,  
MERIDIEN**



## SERVIÇO ESPECIAL PARA TURISTAS

# Hotéis de luxo alugam quartos e mulheres

*Elas dizem que alemão é mal educado, argentino não paga e bons são americanos e franceses*

Basta dirigir-se à portaria ou a qualquer funcionário do Othon Palace Hotel, na avenida Atlântica: em poucos minutos se resolve o problema do hóspede solitário que quer companhia feminina ou masculina; ou o problema do casal desejoso de uma "troca". O Othon — aquele mesmo que proibiu a entrada da repórter Glória Maria por ser negra — facilita a prostituição de alto luxo, indicando prostitutas, ou lugares onde são encontradas, e as "hospedando". Elas são admitidas mediante preenchimento de uma ficha, medida recente tomada pelo Othon "porque tem umas prostitutas que roubam, fazem miséria", conforme uma delas reconhece.

— Mas no Copacabana Palace eu nem preencho ficha — continua Sonia, enquanto observa o movimento do bar Meia Pataca, vizinho ao Othon, ponto de encontro com os turistas.

— Em todos os hotéis a gente entra — completa Lucia, amiga de Sonia — inclusive no Meridien, onde já fui com um italiano. Só é difícil no Nacional e no Intercontinental: só dá prá entrar passando pela boite e depois subindo pela escada de incêndio. No carnaval fiz assim.

Elas explicam como apanham seus fregueses:

— A gente fica aqui sentada, tomando alguma coisa. Vem sempre um turista e senta. Aí, é só combinar o preço, subir pro hotel ou prá outro lugar.

O pessoal do hotel leva algum nisso?

— Às vezes... Outras vezes quem leva são os motoristas de táxi... Mas quase sempre a gente transa sozinha, dá menos confusão...

Até um tempo atrás, o pessoal do Othon defendia o seu por fora, mas acontecia de o hóspede não pagar a mulher e esta fazia o maior rebu, dedando todo o mundo.

Só que todo mundo sabe de tudo, até os garçons do Meia Pataca:

— A gente já conhece elas todas, toda noite estão aqui. É aqui no bar, ninguém chia?

— Nada, é até vantagem. Do lado de um hotel como esse é impossível não ter mulher da noite, e se o pessoal chega aqui e não encontra elas, vai tudo embora.

No Meia Pataca, o movimento não começa antes de 10 da noite, mas no Othon é o dia todo: em média, quinze prostitutas entram e saem diariamente. Sem contar os casais que alugam quartos por uma noite (ou dia), exata-

mente como num motel. Com a diferença de que no Othon uma noite sai por Cr\$4 mil.

Os funcionários do Othon não recusam serviço — se há perspectiva de uma gorda gorjeta. Certa vez, um casal de hóspedes nordestinos mostrou vontade de encontrar outro casal "para relacionamento". Atrvés de alguns contatos, os camareiros conseguiram localizar o tal casal. E os dois casais passaram o fim-de-semana no mesmo quarto.

Quando o hóspede está acompanhado da esposa, pode-se fazer como um turista argentino, nessas férias: mandou a mulher às compras no Rio-Sul e rapidamente correu à portaria. Recebeu um exemplar da publicação "Rio Este Mês", distribuída em todos os hotéis, onde encontrou várias indicações de "casas de massagem" que oferecem até automóvel para buscar o freguês na porta do hotel e levá-lo de volta.

Uma regra o pessoal do Othon tem como sagrada:

jamais indicar aos turistas mulheres que vivem telefonando pro hotel, se oferecendo. Algumas são universitárias, têm apartamento próprio, insistem, mas dificilmente conseguem alguma coisa: o pessoal do hotel tem muito medo de que os hóspedes sofram um "suadouro".

Não são só mulheres as procuradas por hóspedes; homens também. Nesse caso, os funcionários logo indicam a galeria Alaska ou a boate Sótão. Na volta — avisam — não tem problema. O hóspede pode subir ao quarto com seu companheiro. Se o companheiro for "prostituto", nada demais: só preencher uma ficha, como se faz com as mulheres.

Esse "serviços" do hotel não são exclusivos dos hóspedes. Nas últimas férias, um grupo de argentinos estava num apartamento alugado, eram seis homens. O responsável pelo grupo entendeu-se no Othon e conseguiu encontros pros conterrâneos, sendo que quatro pediram mulheres, e dois, homens.

Mas voltemos ao Meia Pataca. Sonia e Lucia ainda não arranjaram companhia e continuam relatando suas aventuras com os turistas. Começam por informar que seu preço vai de Cr\$ 3 mil a Cr\$ 4 mil "depende do cara".

O freguês paga adiantado? — Só quando o cara é argentino a gente cobra adiantado — diz Lúcia —. Os outros pagam numa boa.

Sônia também não gosta dos argentinos:

— Se a gente não toma cuidado, eles não pagam mesmo. Agora, quem paga

melhor é o americano.

— E o francês — completa Lúcia.

— Já os alemães — revela Sônia — são muito sem educação, muito grossos.

Os turistas gostam de sexo normal ou inventam coisas diferentes?

— Ih, tem cada uma! — exclama Lúcia —. Peguei uma vez um gringo que me levou pro quarto dele e pediu prá esperar um pouco. O cara entrou no banheiro e quando voltou estava todo vestido de mulher, com calcinha, sutiã e tudo. Eu fiquei olhando meio assim. Ele pediu prá eu tirar a roupa dele peça por peça, devagarinho. Quando ficou pelado, ele se masturbou, pagou e eu fui embora.

Sônia também tem histórias de taras dos turistas:

— Tem um que todas as férias vem pro Rio. Ele tem uma coleção de botas, cano-longo. Manda a gente tirar a roupa, colocar a bota e ficar desfilando. Só isso. Quando eu canso de desfilar, pego minhas coisas, cobro e vou embora.

Outro turista que Lúcia não esquece é um italiano:

— Ele me levou pro Meridien. Quando eu ia tirar a roupa dele, ele disse não. Tirou sozinho a roupa dele, botou milho na minha mão e pediu prá jogar o milho no chão e bater nele. Foi engraçado: o cara de quatro peladão, comendo milho e levando porrada.

Reportagem de Fabio Watson,  
Fotos de Rogério Carneiro



**DENÚNCIA PÚBLICA**

# ESPERTAS

Fotos Eliana Pastore

**DENÚNCIA PÚBLICA**  
 SER MULHER VIROU CRIME NO BANCÁRIO. ATUALMENTE SE A MULHER CASAR OU FICAR GRAVIDA - ESTA DENOTADA, PRO FUTURO BEM PROXIMO - O BANCO REDUZIRÁ O QUADRO DE MULHERES FUNCIONARIAS, ALÉM DO CARGO DE MULHER NÃO TEM CONDIÇÃO DE ASSUMIR CARGO DE CHEFIA.  
 - MULHER FICAR MENSTRUADA E COM ISTO VAI MUITO DO BANCÁRIO NÃO SERVE PARA A PRODUÇÃO.  
 VAMOS JUNTOS DAR UM BASTA A ESTA SITUAÇÃO, DENUNCIEM A VERDADEIRA FACE DO BANCÁRIO. COMPANHEIROS CLIENTES DESSE BANCO: NÃO CONTACTUE COM ESTAS ATITUDES DO BANCÁRIO.  
 - ABAINHO A DISCRIMINAÇÃO!  
 FUNCIONÁRIOS DO BANCÁRIO  
 PELA FORMAÇÃO DA NOSSA OCULÇÃO

**DENÚNCIA PÚBLICA**  
 A ARRANCADA 80 DO BANCÁRIO ESTÁ PREJUDICANDO SERVIDORES E TRABALHADORES EM NOME DE CONTER AS DESPESAS AS ATITUDES DO BANCO FORAM ENTRE / OUTRAS.  
 - CORTOU O LANCHE DOS FUNCIONÁRIOS (O QUE É PROPRIO FAZER).  
 - OBRIGA O PESSOAL A TRABALHAR 10 OUMIAS HS: POR DIA SEM PAGAMENTO DAS EXTRAS.  
 JORNADA DE TRABALHO É 6 HORAS NA AG. CENTRO É PROIBIDO DAR MAIS DE UMA DESCARGA NOS BANCÁRIOS. TRABALHA + (OU - 600 BANCÁRIOS)  
 É ESTA A INTENÇÃO DOS PATRÕES, E AS AUTORIDADES O QUE ANDAM FAZENDO? DE CONCRETO NADA! OS HOMENS DA LEI 90 SAEM ESPANHAR, PRENDER E ANARCAZAR TRABALHADORES, MAS DEIXAR OS PATRÕES NA LINGUA NÃO É SEU OBJETIVO - ABAINHO A EXPLORAÇÃO A MISÉRIA (FUNCIONÁRIOS E BANCÁRIOS) (OCULÇÃO DA COMISSÃO)



No Jornal Policial de julho, a homenagem a Fleury

**1 Denúncia nas ruas de São Paulo: o Bamerindus está maltratando seus empregados, em especial as mulheres. No Bamerindus "ser mulher virou crime", acusa o cartaz feito pelos funcionários do banco. Até menstruação é motivo para demissão.**

**2** Recebemos de um bancário, que não quis se identificar temendo represálias, uma carta denunciando a disposição dos banqueiros para as negociações salariais de setembro: eles vão engrossar. Isso fica claro através de uma circular enviada pelo presidente da Federação Nacional dos Bancos (Fenaban), Teóphilo de Azeredo Santos, aos presidentes de bancos de todo o país. Nela, Teóphilo recomenda aos bancos que mobilizem

desde já seus diretores de pessoal para que "expliquem" aos bancários que os bancos estão em apertos devido à limitação do crédito e ao tabelamento dos juros. "Assim - diz a circular - soluções fora da realidade acima redundarão fatalmente em demissões, o que ninguém quer ... o problema salarial resolve-se automaticamente, pela correção semestral, por força da lei, havendo, portanto, pouca coisa ainda a discutir"

**Aposentado o pastor Sherer**



Dom Vicente Sherer, um conspirador

Uma carreira está chegando ao fim - e dificilmente deixará saudades. É a de Dom Vicente Sherer, cardeal do Rio Grande do Sul. Anticomunista fanático, conspirou contra o governo de Leonel Brizola, no Rio Grande do Sul, pôs-se de joelhos, no dia em que os militares depuseram o presidente João Goulart e, por essas e outras, sempre foi tido em alta conta pelo regime militar que tomou conta do país a partir de 1964. Ardoroso defensor do capitalismo, declarou certa vez que "não é o regime capitalista que promove a injustiça social, mas sim os ricos inescrupulosos". Porta-voz avançado da direita radical, condenou a adoção de divórcio saindo às ruas em passeata, acopanhado de beatas. Além disso, acusou o extinto MDB - que apresentou o projeto de lei que instituiu o divórcio - e os arenistas, que nele votaram, de "materialistas e desagregadores da família".

**O** presidente da Associação dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Mário Garnero, é um espertalhão. Sem consultar os associados da entidade que preside, ele saiu dando declarações públicas de que o governo deveria reduzir os impostos e aumentar os prazos de financiamentos dos carros a álcool, a principal beneficiária seria a Volks que tinha mais de 4 mil carros a álcool estocados. A iniciativa de Garnero causou surpresa, e a Fiat saiu publicamente contra ele, dizendo que seus carros a álcool estavam vendendo muito bem e que não precisa de favor nenhum do governo. O governo não parece disposto a atender ao pedido de Garnero que, não por acaso, é diretor da Volkswagen (representando o sócio minoritário o grupo Monteiro Aranha). Ricardo Bueno

**FOTO ESPERTA**



Foto de Fernando Santos

César e Vanderlei, do Palmeiras, num momento de descontração.

**Macrobiótica mata Raquel**

Na madrugada de uma segunda-feira, dia 21 de julho, morria em Mariporã, município próximo a São Paulo, Raquel Delgado, professora de história em Santo André, com pouco mais de 30 anos. Como a cantora e compositora Tuca ela, provavelmente, foi vítima do guru da macrobiótica, o japonês Kakuchi. Raquel tinha perdido a mãe no começo do mês. Estava deprimida e não tinha mais confiança na medicina. Foi, então, participar de um seminário sobre macrobiótica numa comunidade do guru, em Mariporã, para se livrar dos "vícios ocidentais" e resolver os

problemas criados por uma úlcera que mantinha sob controle através de medicação tradicional. Raquel passou a fazer o chamado "tratamento do arroz", sem obter sucesso. Tanto assim que, quatro dias antes de morrer, já não conseguia deter a alimentação em seu organismo. Mas, quando consultada se desejava ser atendida por um médico, recusava. Segundo uma amiga de Raquel, ela ficou contemplativamente à espera da morte, que aconteceu com "serenidade".

Silvio de Souza

# ESPERTAS

## O papa ainda dá o que falar

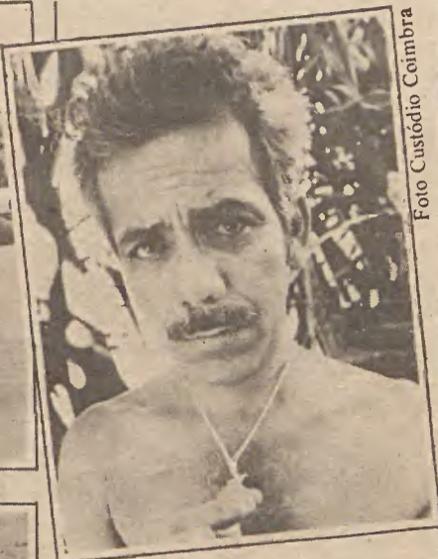


Foto Custódio Coimbra



Fotos Rogério Carneiro

• O governo fez de tudo para esvaziar a ida de fiéis à Aparecida (SP), quando da visita do papa João Paulo II. Montou um gigantesco aparato de segurança que transformou a cidade numa verdadeira praça de guerra. Mais de 30 mil policiais e soldados foram mobilizados, como se os fiéis fossem um exército inimigo que estivesse invadindo terras brasileiras.

## Indulto papal não resolveu

Antônio de Almeida, 40 anos, ex-presidiário, foi indultado pelo governo quando o papa esteve no Brasil. Agora, em liberdade, está na pior:

— Tô jogado na rua, comendo resto de lixo, na merda. Não tenho condições de tirar meus documentos que ficaram na praça da Harmonia, num albergue noturno.

Ele cumpriu 3 anos e 4 meses por um homicídio que cometeu, quando foi assaltado com sua família, na porta das lojas Americanas, na Tijuca.

Antônio e mais 13 pessoas estão dormindo sob a passarela que vai dar no Museu de Arte Moderna, no Rio.

A polícia chega aqui toda noite de metralhadora e lanterna na mão. Acorda todo mundo, bota em fila



Foto Rogério Carneiro

## Doentes nus no hospital de Nova Iguaçu

No hospital do Serviço de Aposentadoria dos Servidores (Sase) em Nova Iguaçu, RJ, os pacientes são obrigados a permanecer nus em suas camas, pois as roupas simplesmente desaparecem.

Internada com derrame cerebral, uma senhora fica

deitada nua, debaixo do cobertor, sem falar ou fazer qualquer movimento (foto). Sua neta reclamava do sumiço do guarda-pó branco que trouxera para o hospital.

— Olhá lá, aquela roupa suja e velha eles não levam, tá ali encostada. Mas a roupinha nova, desapareceu. Isto não é a primeira vez que acontece, e uma porção de gente aqui já teve o mesmo problema”.

Léa Cristina

## Direita ataca Delfim e quer recessão

A Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, transformou-se num dos principais centros de oposição ao ministro do Planejamento, Delfim Netto. Dois de seus principais economistas, Mário Henrique Simonsen e Octávio Gouvêa de Bulhões, defendem abertamente uma política de recessão para combater a inflação, e resolver os problemas do balanço de pagamentos.

Esses dois estão em estreito contato com o embaixador brasileiro em Londres, Roberto Campos, que também é adepto de uma política de arrasa quarteirão, provocando desemprego e fome, para fazer com que os preços subam mais devagar.

Delfim não topa adotar uma política desse tipo e por isso já está sendo mal visto pela extrema direita, que sonha em levar Campos e Simonsen de volta aos ministérios da Fazenda e do Planejamento. As críticas dos economistas da Fundação e de Roberto Campos contra sua política de manter a economia em crescimento moderado, irritaram profundamente Delfim. Ele respondeu, dizendo que os que defendem a recessão têm empregos muito bem remunerados e não seriam ameaçados com o desemprego provocado por uma política de violento desaquecimento da economia. Só Mário Henrique Simonsen tem um cargo no Citibank que lhe dá 200 mil dólares por ano, o que em cruzeiros significa quase 11 milhões.

Ricardo Bueno



Foto Valdir Afonso

## Mora na rua pra fugir das enchentes de Recife

Cansada de sofrer com as enchentes do Recife, Dasdores resolveu seu problema de moradia: juntou caixas velhas e alguns pedaços de plástico, e construiu sua casa na calçada do cais José Mariano, embaixo da copa de um antigo e frondoso oitizeiro.

Ali ela vive com o gato, e está concluindo, ao lado da sua, uma casinha para o cachorro. Dasdores é faxineira das Lojas Brasileiras, que ficam em frente da sua casa, e desde que começou lá, há seis anos, acertou com o gerente de não receber salário, mas todas as embalagens não utilizadas pela loja. Essas caixas e engrudados ela revende para uma fábrica de papel e consegue tirar uma média de

Cr\$ 150,00 por dia. Não paga aluguel, luz ou água. Sua comida, faz ao lado, num fogão improvisado com latas velhas. Alguns dias tem até convidados à mesa.

Sua casa é protegida por uma imagem de São Sebastião na entrada, e por uma parafernália de santos e orixás, devidamente cultuados com flores, velas e fitinhas bentas. Diz que se sente muito protegida.

— Esse cais é caminho de tudo que é malandro da cidade. Mas nenhum deles me incomoda. Dou um bom dia pra um, cafezinho pro outro, e eles me chamam de tia. De noite faço minhas orações e durmo de consciência mais tranqüila que muita gente por aí.

José da Silva Pereira montou um consultório em Teresópolis, (Rio de Janeiro) para tratar de cachorros. A plaqueta indica veterinário, mas na porta há outra mais discreta com os dizeres: “psiquiatria animal” ao lado de um emblema do Credicard. E o emblema do cartão de crédito é explicável, pois cada consulta custa Cr\$ 1.500,00.

Para Jorge Pereira, irmão e procurador do psiquiatra, a assistência aos cachorros se justifica plenamente. Segundo ele, há uma interação homem-cão-neurose, ou seja, se o cachorro tem dramas existenciais é porque herdou esse mal do dono. Como exemplo, cita o caso de um cão São Bernardo que vivia num apartamento de quarto e sala em Copacabana com muita gente à sua volta. Acontece que o São Bernardo precisa de espaço, não pode ficar espremido. Resultado: todo mundo ficou com uma coceira medonha pelo corpo. O dr. José Pereira achou logo a chave do mistério e recomendou que se soltasse o cão num campo.

Rivaldo Chinem

# SHOWS

Chico Júnior



Foto Rogério Carneiro

Essa moça é a Marli Mendes, fotografada no camarim da boate Capricornius (Copacabana, Rio), onde ela tira a roupa todas as noites para deleite da rapaziada. E tira a roupa toda, é bom que se diga, pois em tempo de abertura o nu é total. Além de Marli, gaúcha de 22 anos, o show "Blow Up" apresenta uma "explosão de mulheres."

Deus é, e sempre foi, garantia absoluta de vendas. E tá a Amelinha com uma musiquinha sem maiores mistérios, mas que tá vendendo que nem pão quente. Segundo a CBS, a música "Foi Deus que fez você", de Luiz Ramalho, lançada em compacto, já vendeu 200 mil discos e caminha para um recorde na música brasileira. E do jeito que tá indo, não é nada difícil para Amelinha ganhar o MPB-80, o festival da TV Globo.



Amelinha

Foto Frederico Mendes/CBS

## 1 Aline bota mais discos na praça



★ Aline, independente, está partindo para a prensagem da segunda edição de seu primeiro disco. Para alegria geral, a primeira já foi toda vendida e agora serão colocados no mercado mais cinco mil. O disco, muito bem produzido, reúne composições de Aldir Blanc e João Bosco, Márcio e Telo Borges, Caetano, Ivan Lins e Vitor Martins, Kátia de França. Nele, Aline apresenta talvez a melhor interpretação de "O cavaleiro e os moinhos", da dupla Aldir/Bosco. Enquanto agita a prensagem da nova edição, Aline está trabalhando em cima do show que apresentará no final de agosto no Teatro Pixinguinha (SP) e no início da segunda quinzena de setembro no Teatro Ipanema (Rio). O show vai se chamar "Esta é a sua vida" e o roteiro é do Aldir Blanc.

## 2 Vem aí o novo LP de Elba



★ Depois de participar do Festival de Arte Negra, na Martinica, Elba Ramalho parte para concluir a gravação de seu segundo disco, "Capim do Vale", a ser lançado no mês que vem. Desde que saiu o seu primeiro disco ("Ave de Prata"), Elba já fez perto de 150 shows em todo país e neste mês participará do Projeto Pixinguinha, junto com Vital Farias, apresentando-se em Cuiabá, Campo Grande (MS), Manaus e Belém. A moça tá com a corda toda.

## lançamento



Foto de Wilton Montenegro/Odeon

## Têca e Ricardo : Um som musical e político

"Com vocês, Têca e Ricardo, músicos, inéditos no país, três discos gravados na França, há quase cinco anos vivendo de música brasileira, e só disso, em Paris."

Este texto é parte da abertura da matéria "Têca e Ricardo — A nova canção do exílio", publicada no número Zero (novembro/77) do REPORTER, um número sobre anistia. Uma matéria que apresentava uma dupla de músicos e compositores brasileiros da melhor qualidade, exilados (Ricardo foi banido do país em 1969), vivendo há oito anos em Paris, três discos gravados na época (hoje são quatro), segurando a barra que é fazer música brasileira na Europa sem fazer concessões — como ter que cantar bossa-nova, sambão, carnaval e, se possível, em francês. Um trabalho que não deixava nunca de lado o Brasil, a música daqui, a política daqui, a seca, a greve do ABC, o folclore, a ciranda, o samba-canção, o frevo.

Com a anistia, Têca e Ricardo voltaram. Chegaram em dezembro do ano passado e no mês seguinte já estavam na briga, procurando espaço para apresentar sua música. E é o que estão fazendo agora, lançando o primeiro LP ("Povo daqui") no mercado brasileiro. Um disco com 11 músicas, cinco já gravadas lá fora (e agora regravadas) e seis inéditas, tudo produzido com muito carinho, muita

clareza e um som diferente, feito com uma parte do corpo lá fora e outra aqui dentro, um som forte.

"É diferente" — como diz Têca — "na medida em que era um som que estava longe dos modismos, do comercial, do dia-a-dia, mas sem estar longe das raízes. Tudo isso dentro de Paris, que é um centro cultural muito grande, onde se ouve música do mundo inteiro, música que também te influencia, no sentido positivo".

Têca e Ricardo compõem, cantam, tocam, e Ricardo ainda é o arranjador de todas as músicas. Um trabalho adulto, reunindo a sanfona de Sivuca, que estralcha em "Aguaceiro", uma das músicas mais bonitas do disco (e já nos primeiros lugares no Rio e em SP); a voz do Boca Livre; a guitarra, o violão, o baixo e o cavaquinho de Leonardo Ribeiro, companheiro desde os tempos de Europa; a mão do maestro Guerra Peixe; e mais Toninho Horta, Antônio Adolfo, Novelli, Nelson Angelo e uma porção de gente boa. "Um disco bem Brasil, rapaz" exclama Ricardo.

Para ele, o disco representa um momento muito importante na vida da dupla, pois pela primeira vez vão ter uma resposta direta do público brasileiro. E o recado, já estão dando através de um disco que não dissocia o musical do político.

De toada em toada, o Boca Livre já está caminhando para a venda de 100 mil discos, marca simplesmente sensacional para quem começou vendendo disco de mão em mão. E enquanto esse primeiro disco do conjunto vai vendendo, trabalha-se já na produção do segundo, que será gravado em outubro e lançado em novembro. Até lá, quem quiser (e, principalmente, puder) conferir a qualidade musical do pessoal é só chegar no Hotel Nacional, onde o Boca vai se apresentar durante quatro dias, na segunda quinzena deste mês, acompanhado do conjunto vocal Céu da Boca, composto de 12 pessoas.

Discos de Roberto Carlos, Fagner, Zé Ramalho, Joanna, Dominginhos, Simone, Djavan, Joyce, Fátima Guedes, Gonzaguinha, Têca e Ricardo e outros artistas da CBS, RCA e Odeon.

Recorte o cupom abaixo, responda as três perguntas e mande tudo, com nome e endereço, para Margem Editoria (rua Miguel Couto, 134/11.º andar — RJ). Nós sortearemos seis respostas com cinco discos para cada uma. No mês que vem, sortearemos mais discos para os leitores.

- Qual é a melhor música do mês? .....
- Que cantor (a) você gostaria que esta seção entrevistasse? .....
- Como você acha que esta seção deveria ser? .....

nas paradas



Djavan: questionando o amor

## Djavan continua falando de amor. Mas não é fácil

Vira e mexe, e olha o amor nas paradas.

Claro. O amor é o veio da vida, amor é abrangente, amor é mutável, como a vida.

Como compositor, Djavan já chegou antes nas paradas falando de amor com "Alibi", música gravada pela Bethânia e escolhida para dar título ao seu penúltimo LP. Agora ele chega cantando seu próprio amor, "Meu bem querer", música feita para alguém, "num momento de grande paixão".

Mas é o bem querer de todo mundo, numa música simples, com termos puros, como "meu encanto", que é um termo bastante carinhoso usado no Nordeste.

Batalhando há sete anos, desde que chegou de Alagoas (durante quatro anos foi crooner das boates cariocas "Number One" e "706"), e por algum tempo considerado um "compositor complicado", Djavan diz que com "Meu bem querer", atingiu o auge da sua simplicidade, mesmo com algumas dívidas em relação ao cantar o amor.

Eu vivo me questionando: como é difícil falar de amor. Isso, porque depende muito do estado de espírito. "Alibi" foi um

momento, e chegou até a provocar um certo conflito com a minha mulher, porque foi feito em cima de uma situação vivida anteriormente. "Meu bem querer" já faz parte de outro momento.

O importante, para Djavan, é encontrar sempre um espaço na sua música para cantar o amor.

— O amor é o que segura: tem que existir. Não interessa se ele tá machucando muito ou se é bonito. É como eu digo em Alibi: "no amor a tortura está por um triz".

"Meu bem querer", uma das músicas mais tocadas atualmente, faz parte do último LP de Djavan, onde aparece compondo com Chico Buarque a música título do disco: "Alumbramento". Chico também aparece cantando uma composição sua ("A Rosa") em dueto com Djavan.

Djavan considera "Alumbramento" o disco mais importante de sua carreira, resultado de muito trabalho e muita criação. Resultado da busca de sete anos.

Mas eu sabia que ia chegar lá, tinha certeza. Não é aquela certeza onipotente; é consciente, que é para dar mais certeza à certeza.

## luzes da ribalta

Com mais de 20 músicos gravando, o mercado da produção independente já está se tornando um bom negócio. Tanto que o Luis Carlos, da Eldorado — principal distribuidora dos "nânicos musicais", — e o Cesare, que era da Continental, estão abrindo uma firma própria, a Distribuidora Independente, para distribuir toda a repaziada. A idéia é boa, não resta dúvida, mas tem gente reclamando de duas coisas: o disco será entregue à distribuidora em consignação (antes, era vendido para a Eldorado) e o músico só recebe quando a loja pagar. Para o pessoal que não é ligado às gravadoras, o prazo de recebimento da venda dos discos é importante. Mais que importante, é vital.

Márcio Borges e Milton Nascimento vão começar a escrever um musical, que, se tudo der certo, será apresentado ainda este ano. A idéia já estava na cabeça dos dois há vários anos e parece que agora vai sair.

E por falar nos mineiros, é bom a gente ir gravando um nome: Telo Borges, irmão do Marcinho e do Lô. Telo, 22 anos, é um tecladista da pesada e parceiro de Márcio na música "Vento de Maio", uma das mais bonitas do LP "Via Láctea", de Lô. A música também está no disco de Aline.

Todos os domingos, a partir das 9 da noite, durante os ensaios do Grupo Carnavalesco Oba Oba da Vila, no Maxwell (Tijuca, Rio), roda de samba com a presença de compositores das escolas e muita mulata. E o Grupo Oba Oba está agitando uma outra, só que na Zona Sul. Trata-se da Feijoada Musical, na boate Oba Oba (Visconde de Pirajá, 499), que acontece todos os sábados, tendo, como acompanhamento, flauta, cavaquinho e violão.

Prá quem gosta de frevo, a CBS colocou no mercado um LP da pesada: "Asas da América". O disco reúne as vozes de Elba Ramalho, Alceu Valença, Caetano Veloso, Geraldo Azevedo, Jackson do Pandeiro, Gilberto Gil e até Chico Buarque, que canta o ótimo frevo "Salve a torcida" de Carlos Fernando.

João de Aquino, que acaba de lançar o LP "Asfalto", está de show marcado para o início deste mês (de 5 a 10), no Teatro Ipanema, Rio. Vale a pena chegar a conferir o som do moço.

Dez anos depois de ter lançado seu último disco, Rildo Hora volta como intérprete. Com produção de Martinho da Vila e participação especial de Guerra Peixe, Hermeto Pascoal, Toninho Horta, Radamés Gnattali, Luiz Eça e João Donato, o LP reúne composições de Rildo Hora e Sérgio Cabral, algumas inéditas e outras bastante conhecidas, como "Os meninos da Mangueira".

# LIVROS

Sergio Danilo

**Mad Maria** — A Editora Civilização Brasileira lançou um novo livro de Márcio de Souza, autor de "Galvez, o Imperador do Acre" e "Operação Silêncio". Trata-se de "Mad Maria", uma fotografia e uma denúncia sobre a região amazônica e a fantástica construção da estrada Madeira-Mamoré.

**Mulher Aranha** — Manuel Puig lançou pela Codex seu mais novo livro: "O Beijo da Mulher Aranha." Puig, conhecido mundialmente por seus livros, parece ter alcançado com este lançamento um lugar definitivo na literatura contemporânea.

**Rosa Negra** — Romance. O personagem central é líder de uma organização de esquerda. Além das lutas internas do partido e as externas, com os militares, ele sofre um outro tipo de repressão, por gostar de homens. Ficção baseada na realidade, escrita por um ex-preso político: Osvaldo Rochia. Editora Livramento.

**Colcha de Retalhos** — O registro da experiência e a reconstrução da memória nacional fazem parte deste livro de Antônio Cândido, lançado pela Paz e Terra: "Teresina, etc." Nessa série de 10 ensaios, o velho professor aposentado pela Universidade de Campinas (Unicamp) relata a presença no Brasil da socialista italiana Teresa Maria Carini. Outro ponto importante do livro é a reprodução do clássico "A verdade da repressão", publicado originalmente pelo jornal Opinião. Neste texto, Antônio Cândido mostra como a polícia e o policial, além da coação externa, física e moral sobre o indivíduo, também se internalizam na consciência do ser humano, perseguindo ou só vigiando.

**Anarquismo** — Edgard Leurenroth, militante anarquista, organizou, e manteve, durante os últimos 50 anos o mais completo e único arquivo da imprensa operária e da história social da América Latina, hoje de propriedade da Unicamp. Teórico e

militante a um só tempo, Edgard — que morreu em 1968 aos 86 anos, depois de 70 anos de vida política e sindical — é reeditado em livro pela Mundo Livre. Sua obra, até hoje inédita no Brasil, merece um estudo maior de críticos e leitores, num momento em que o anarquismo volta a ser estudado por Edgar Rodrigues, Caio Túlio Costa, Paulo Sérgio Pinheiro e John Foster Dullers.

**Discutindo** — "Um pequeno breviário de ação evangélica, popular e política da Igreja nos dias de hoje". Esta é a recomendação do escritor católico Tristão de Athayde sobre o livro do cardeal Evaristo Arns, lançado pela Editora Loyola: "Discutindo o papel da Igreja".

**Rumo ao desastre** — Depois de "Porque os preços sobem" e "O ABC do entreguismo", Ricardo Bueno lança mais um livro na praça: "Pró-alcool, rumo ao desastre". O autor procura comprovar que o programa do álcool, como está sendo conduzido, não é a salvação nacional. A linguagem do livro é simples e direta. Lança o debate democrático sobre os rumos da substituição do petróleo pelo álcool.

**Terror policial** — Os repórteres Rivaldo Chinem e Tim Lopes lançarão no próximo mês, pela Global, o livro "Terror Policial", uma série de reportagens que mostra o submundo, e personagens famosos, da chamada crônica policial, como o carioca Mariel e os paulistas Fleury e Raul Careca. Vale a pena esperar.

**Conto do Vigário** — De Brasília, Luiz Augusto Gollo, que já foi um dos editores do REPORTER, lança o seu primeiro livro de contos: "O conto do vigário". Gollo usa nos seus contos e estilo jornalístico, de escrever, mostrando histórias curtas, com linguagem objetiva.

**Os mais vendidos** — Pesquisa do REPORTER — mês de julho: 1. "O ABC do entreguismo no Brasil", coordenação de Ricardo Bueno, Vozes; 2. "À mesa de jantar", de Laurita Mourão, Nórdica; 3. "Os prazeres do sexo", de Alex Confort, Brasiliense.

Franklin Maxado, ou Maxado Nordestino, além de poeta é também xilógrafo, fazendo palestras sobre cordel e folclore, bem como é apresentador de cantoria de viola e forró. Nasceu em 1943 em Feira de Santana, Bahia, sendo poeta profissional desde 1975, quando deixou o jornalismo e a advocacia. Possui publicado quase 100 títulos. Tem domicílio em São Paulo, expondo na praça da República, aos domingos.

Essa é a apresentação de um cara que resolveu viver de poesia; e a melhor forma encontrada foi o livrinho de cordel. Sua mais recente publicação é o "Horóscopo das Bichas", já em segunda edição. Além deste, Franklin tem mais de 100 livrinhos publicados. Alguns títulos: Romance do vaqueiro marciano da égua; O frio de São Paulo está desmoralizado;



O crioulo doido que era um poeta popular; Carta de um pau de arara apaixonado pra sua noiva; A bela história da Jaci, a prostituta virgem e santa; O japonês que ficou roxo pela mulata; A sorte de seu Cornélio ou o corno convencido.

CJ

## Prisão especial também tortura

"O diretor da Divisão de Segurança Especial, delegado de polícia José Augusto Gomes Alves, talvez pelas funções extras que exerce, desde que assumiu este cargo de confiança em 15 de março de 79, tem sido inadimplente diante dos inúmeros problemas administrativos e disciplinares, criando com isto, um clima de insatisfação e revolta entre os 22 presos especiais, que por vezes, tal o estado de tensão reinante diante das recessões e soluções pendentes, são levados a cometer violências e atentados entre si, ficando assim mais prejudicados e expostos às arbitrariedades, pois, como "norma disciplinar", são trancados em suas celas por tempo indeterminado, ficando sem a visita de seus familiares, sem acesso ao telefone, sem banho de sol, e o que é pior, sem nenhuma condição de fazerem qualquer defesa, num desrespeito flagrante aos Direitos Humanos e ao próprio RPERJ (Regulamento das Prisões do Estado do Rio de Janeiro), se é que somos regidos por este regulamento, pois, afinal, aqui é uma Divisão de Segurança Especial e não um presídio ou uma penitenciária.

É preciso entender definitivamente que, embora não haja nesta atitude uma

tortura física, há a tortura moral, que aniquila o indivíduo de maneira às vezes bem mais irrecuperável, e, além disto, toda e qualquer tortura é mais que um hábito; é vício pelo qual todos são responsáveis. Quando a sociedade se permite tolerar a tortura, até mesmo na sua expressão mais benigna, como a tortura moral, e praticada nos seus membros mais indefesos — os presos — permite que se enfraqueçam suas defesas naturais contra esta monstruosidade. Daí, vir a ocorrer o grave perigo de poder receber mais naturalmente a tortura em todos os graus, e em todo o mundo.

Resta saber se o governo do Estado está conivente e omissivo diante desta calamidade. Se está, isto representa um tenebroso crime cometido pela própria Justiça de nosso Estado; por isto, precisa, e deve, ser denunciado ao público, não só por REPORTER, mas por toda a imprensa, pois o que se passa em nossas prisões, é extremamente grave e requer providências urgentes do senhor ministro Abi-Ackel, para evitar que se alastrem chagas profundas e incuráveis em nossa sociedade"

Por temer represálias, preferiu não se identificar. (Rio de Janeiro-RJ)



## Mais uma das Casas Sendas

"O meu compadre trabalhou 5 anos e seis meses nas Casas Sendas de Campo Grande. Não agüentando mais as viagens turísticas de Rocha Miranda a Campo Grande pediu transferência. Foi o desastre dele. Começou uma perseguição de um ano até que o mandaram mesmo embora. Dois dias depois mandaram uma carta para ele comparecer no escritório em São João de Meriti.

Ofereceram simplesmente o seguinte: damos a você cinco mil cruzeiros; ou você aceita ou coloque o caso na Justiça, e ainda damos a cobertura jurídica com "advogados" e etc.

Amigos, o meu compadre colocou o caso na Justiça, mas depois de seis meses teve que retirar e receber os míseros cinco mil cruzeiros para não morrer de fome com a família. Amigos, alguém tem que dar um jeito, pois o salário é o mínimo, e para receber os direitos o ministério do Trabalho fecha os olhos". (Celso — Rio de Janeiro — RJ).

## Loja enrola freguês

"Tudo começou quando resolvi comprar um "jogo de copa" no dia 12/04/80 na Loja Presidente, filial nº 29, Travessa Almerinda Freitas em Madureira. Fui atendido pelo vendedor, Sr. Josemar, que como todo vendedor me ofereceu inúmeras vantagens.

Fiquei então com o plano de pagamento em 5 vezes sem juros, sendo obrigado a pagar uma prestação na abertura do crédito para garantir a mercadoria (isto dito pelo vendedor), e apresentar um fiador, que estaria tudo liberado para a entrega.

Bem, arranjei o fiador e paguei a referida prestação no dia 22/04/80 e fiquei esperando a mercadoria. Se não me falha a memória uma ou duas semanas depois é que chega, mas em que estado:

— as cadeiras — que vinham especificadas na nota fiscal — de pés cromados estavam mais arranhadas do que panela de pensão de 2ª Classe;

— do buffet, estavam faltando os puxadores das respectivas gavetas.

Aí, eu as devolvi com promessas de que eles mandariam "novas" na semana seguinte. Não mandaram. Eu telefonei para a loja e eles alegaram que a mercadoria ia chegar da fábrica, em S. Catarina, e que na próxima semana mandariam e, entrando semana, saindo semana até hoje não mandaram." (Inácio Lopes — Realengo — Rio de Janeiro)

Admiro muito vocês, a ponto de gastar trinta notas todo mês.

Sei que esse jornal é formado por cabeças competentes, loucos, jovens, sei lá!

Sei também que estamos subindo por onde se desce, mas estamos subindo.

Gosto da maneira simples que qualificam as mais "sagradas" potências, essa coragem incrível de escrever a verdade, o que o povo gosta de ler.

Sou estudante, filho de metalúrgico, sei que não é fácil ficar calado. Hoje, o povo já, está se tocando. As verdades eles já sabiam, essa sacanagem pública de muito tempo. Só temiam dançar. Outra, que tem muita gente que adora sofrer, só reclama. Se fosse preciso, eu daria minha vida pelo direito do povo, pelo menos assim não ficaria vivo vendo tanta covardia.

Acredito que por escondidas vai acontecer alguma coisa, sei que qualquer coisa. Acho que não estou sozinho. Existem muitos cabeludos escondidos em seus porões esperando a "hora", qualquer hora. Sou criticado até por minha família. Acho que nasci em um mundo errado, quero se direito, mas, para ser direito tenho que ser errado.

Moro em Osasco, em SP. Aqui é agitado. Sei que tem muita coisa que interessa a vocês. Sou um fã indescritível, meus amigos também. Tô aí com a rouxinha. Vivendo todo dia como se fosse o último. Um dia vou estar certo por agir assim. (Joãozinho Podre — São Paulo — SP).

## CORREIO HETEROSSEXUAL

● "Não viva infeliz o resto da vida, lembre-se que você é mulher e, como toda mulher inteligente, você precisa de carinho, amor e sexo, principalmente. Procure o "Divino", ele não tem preconceitos quanto a cor ou idade. O "Divino promete sigilo absoluto". Caixa Postal, 2516 — CEP 20010 Rio de Janeiro — RJ.

● "O dia-a-dia agitado exige cada vez mais momentos de prazer para o nosso corpo. Às vezes, por timidez, ou por temor à indiscrição, não procuramos o que necessitamos.

Você! Moça ou senhora. Enfadada com a rotina ... Dê um tempo e se descontraia. Chame o Nick pela Caixa Postal, 50010 — CEP 20170 — Rio de Janeiro"

● "Liberal executivo, solteiro, 31 anos, nível superior, mulato, 1,76m de altura, 84 quilos, desejando manter contato com senhoras, moças ou casais, para troca de idéias, com possível e amplo relacionamento, com cuca altamente liberal em todo sentido; favor enviar fotos que serão devolvidas acompanhadas pela nossa na primeira resposta". (Liberal executivo — C. Postal, 1898 — CEP: 20010 — Rio de Janeiro — RJ).

● "Recado para Armando Jr: peço ligar-me a qualquer

dia e hora; procurar por Selma Duarte e deixar-lhe qualquer recado, com toda a discrição possível". (CID J.H.B.A. — Rio de Janeiro — RJ).

● "Você quer viver algo especial? Tenho 45 anos bem vividos, esportivo, 1,85m e 76Kg (forte mas magro), considerado divertido por minhas amigas. Obviamente de esquerda, senão não estaria escrevendo para um jornal porra-louca como este, mas para Playboy e suas mulheres de plástico. Se você é casada, noiva, ou seja lá o que for, sou mudo como a coruja da anedota. Sabor de acaso e aventura. Quem sabe se não teremos um dos grandes momentos de nossas vidas? Ou um dos pequenos mas muito bons?" Escreva para Raymond Grancher — Caixa Postal, 11513 — São Paulo — SP.

● "Rapaz com muita carência afetiva e introvertido quer se corresponder com mulheres de todo o Brasil, para amizade e transa. Quando estou numa boa sou bonito. Tenho 22 anos e possuo deficiência física. Não estudo. Gosto muito da cultura e minha cor preferida é o verde." (Tuca — Rua dos Meninos, 108 — CEP: 09500 — São Caetano do Sul — SP).

“Adorei a reportagem "Nus no vestiário". Reportam a dose, mas com jogadores do meu clube: Botafogo de Futebol e Regatas. Eis alguns que gostaria de ver na reportagem; Renato Sá, Marcelo Mendonça, Gil, Edson, e etc ... Os santistas Nilton Batata, Toninho Vieira e Pita. Outra coisa: por que nas fotografias de mulheres mostram tudo: de frente, de trás, de lado, etc... e de homens só de trás e, quando de frente, sempre é tapada a parte genital com a mão, com uma toalha, com um pano qualquer? Por que este tabu? Por que este preconceito com as mulheres?”

(Soninha Amaral — Rio de Janeiro — RJ).

# OBRIGADO LEITOR



Os leitores do REPORTER responderam com entusiasmo a pesquisa publicada na página 2 da última edição. Recebemos mais de 600 cartas, número que já terá crescido quando o jornal chegar às bancas. Vamos, portanto, continuar com o levan-

tamento e, quem ainda não tiver preenchido o questionário abaixo, que o faça agora e remeta para Margem Editoria e Programação Gráfica Ltda — Rua Miguel Couto 134/11º andar — CEP: 20070 — Rio de Janeiro. Vamos sortear mais 200 assinaturas entre os lei-

tores que nos responderem e eles receberão gratuitamente o jornal durante 6 meses em casa. Além disso, todos que recortarem esta página para nos enviar suas respostas, receberão um outro exemplar do jornal. A coleção não será desfal-

cada. Escrevam, mencionando nome e endereço no envelope. Na edição de setembro publicaremos a relação dos sorteados.

Queremos conhecer você, leitor, que prá nós é a pessoa mais importante do jornal. Ajude-nos a melhorar o REPORTER!

1 — Você é:

Homem  Mulher

2 — Sua idade é:

até 20 anos  36 — 40 anos  
 21 — 25 anos  41 — 50 anos  
 26 — 30 anos  51 — 60 anos  
 31 — 35 anos  mais de 60 anos

3 — Você é:

casado  solteiro  outros

4 — Na família você é:

chefe  cônjuge  filho  outros

5 — Seu nível de instrução é:

primário incompleto  científico  
 primário completo  universitário  
 ginásio Qual o curso?.....

6 — Você:

estuda  trabalha  estuda e trabalha

7 — Se trabalha:

profissão .....

cargo que ocupa .....

8 — Quantas pessoas moram em sua casa?

9 — Sua casa é própria ou alugada?

10 — Quais dos aparelhos abaixo você tem em sua casa?

TV preto/branco  Rádio AM/FM

TV a cores  Aparelho de som  
 Rádio AM  Máquina de lavar

Automóvel — marca..... ano.....

11 — A faixa de renda mensal de sua família é:

menos de Cr\$ 10.000,00  
 de Cr\$ 10.000,00 a Cr\$ 20.000,00  
 de Cr\$ 20.000,00 a Cr\$ 30.000,00  
 de Cr\$ 30.000,00 a Cr\$ 40.000,00  
 de Cr\$ 40.000,00 a Cr\$ 60.000,00  
 de Cr\$ 60.000,00 a Cr\$ 80.000,00  
 mais de Cr\$ 80.000,00

12 — Você ouve rádio habitualmente?  Sim  Não

13 — Em que horários?

6hs às 9hs  17hs às 19hs  
 9hs às 12hs  20hs às 22hs  
 12hs às 14hs  22hs às 14hs  
 14hs às 17hs

14 — Qual a emissora que você mais gosta?

na faixa AM .....

na faixa FM .....

15 — Você vê TV habitualmente?  Sim  Não

16 — Que programas você mais gosta?

17 — Você lê algum jornal diário?  Sim  Não Qual?

18 — Além do REPORTER, você lê algum jornal da Imprensa Alternativa?  Sim  Não Qual?

19 — Você lê livros?  Sim  Não .....

20 — Que tipo de livro você prefere?

policial  poesia  reportagem  
 humor  outros  contos eróticos

21 — Você vai ao cinema?  Sim  Não Quantas vezes p/mês? .....

22 — Você vai ao teatro?  Sim  Não Quantas vezes p/ mês? .....

23 — Você lê revistas?  Sim  Não Quais? .....

24 — Qual seu cantor preferido? .....

25 — Qual sua cantora preferida? .....

26 — Qual seu escritor (a) preferido (a)? .....

27 — Como conheceu o REPORTER? .....

28 — Além de você, quantas pessoas lêem o seu exemplar do REPORTER? .....

29 — Você é assinante do REPORTER?  Sim  Não

30 — Como você define o REPORTER? .....

31 — Que reportagem você mais gostou das publicadas até hoje no REPORTER? .....

32 — Que assuntos você gostaria de ler no REPORTER?

Futebol  Política  Saúde  Humor  
 Custo de vida  Artes e espetáculos  Sexo  
 Meio ambiente  Condições de vida  Crime  
 Penitenciárias  Economia  Drogas

Outros .....

**GARANTA A CIRCULAÇÃO DESTE JORNAL**

**ASSINE REPORTER**

# Na plateia ninguém olha

PORTO DE SANTOS, SP



"Cassius" e "Daniela" no palco da boate "Marrom Glacê"

## SEXO SOLITÁRIO NA BOATE DO CAIS

Eles se esforçam. Duas noites por semana "Cassius Boy" e "Daniela Stevenbel" simulam um ato sexual no palco da boate "Marrom Glacê" (Cais de Santos, SP), e garantem que ficam excitados. A plateia, porém, como se vê nas fotos, nem se mexe. Casais formados de prostitutas e seus fregueses acompanham os movimentos de Cassius e Daniela com total indiferença.

Ele se auto-intitula "príncipe erótico da Baixada Santista", tem 19 anos e faz questão de dizer que é homem mesmo, conta até vantagem: — Dou três por noite...

Tem saudades do tempo em que o espetáculo era mais realista:

— Cheguei a fazer oito apresentações em outra boate (Fugitive), quando transava mesmo com a mulher, sem tapa-sexo como hoje.

Para acabar com as apresentações, o gerente deu a desculpa de que "as ejaculações sujavam o palco".

Mas o pioneiro dos "shows realistas" de Santos — uma cidade conservadora, onde até hoje o deputado do governo, coronel Erasmo Dias, exerce muita influência — é "Primo Henrique". Ele conta que a idéia foi do gerente do Fugitive, depois de uma viagem ao Canadá, onde viu esses

shows. E escalou "Primo", conhecido bailarino do cais, para os primeiros espetáculos. "Primo" topou por "amor à arte", pois não gosta de mulheres. Inclusive, nunca subia nada em cena.

Tudo acabou porque o marido de "Primo", muito ciumento, exigiu que ele desistisse do número:

— Ele me viu em pleno show e ficou desolado...

Por causa dessa fama criada por "Primo" é que "Cassius" toda vez que fala dá um jeito de mencionar sua preferência por mulheres e seu brilhante desempenho sexual:

— Na primeira noite que fiz o show, fui prá cama com duas garotas.

"Cassius" não se conforma por ter que usar "tapa-sexo", uma exigência da Censura. Talvez por essa razão a plateia não delire, como acontece num outro show do cais santista: na boate "A Boneca" duas mulheres se acariciam no palco, enquanto o público se manifesta como se comemorasse um gol de placa do Pelé.

Para manter a forma física, Cassius dorme o dia todo. Tranquilo e satis-

feito, como confessa, por faturar Cr\$ 15 mil por mês com seu trabalho; o mesmo que levanta Daniela, uma tímida mineira que está no strip de passagem. Quer mesmo é estudar jornalismo.

Enquanto não consegue, batalha para enfrentar o público noturno:

— No começo, nas primeiras apresentações, sofri muito com o público, por causa da minha timidez. Agora, melhorou: me acostumei a ver a plateia como se fosse uma parede.

Mas isso não atrapalha a concentração:

— Chego a ficar excitada em muitos momentos do show... Boa atriz ela é. Simula perfeitamente urros de amor dignos de uma ninfomaníaca.

Reportagem de Antonio Pavone  
Fotos de Wagner Avancini



## REPORTER

SORRINDO NA BEIRA DO CAOS